UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

HELOISA PEREIRA PINTO

A MODERNIDADE E SEUS REFLEXOS SOBRE A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

CURITIBA
2014

HELOISA PEREIRA PINTO

A MODERNIDADE E SEUS REFLEXOS SOBRE A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação do Programa de Mestrado em Ciências Humanas da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Etelvina de Castro Trindade

CURITIBA

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Pinto, Heloisa Pereira.
A modernidade e seus reflexos sobre a juventude contemporânea/Heloisa Pereira Pinto – Curitiba: UTP, 2014 – 100 p.
Dissertação – Mestrado – Universidade Tuiuti do Paraná Curso de Ciências Humanas.
Orientadora: Etelvina Maria de Castro Trindade
Modernidade, juventude, Contemporaneidade.

HELOISA PEREIRA PINTO

A MODERNIDADE E SEUS REFLEXOS SOBRE A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação do Programa de Mestrado em Ciências Humanas da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Etelvina de Castro Trindade

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Profª. Dra. Etelvina Maria de Castro Trindade – (UTP)

Presidente da Banca

_____

Profª. Dra. Valéria Floriano Machado de Souza – (UFPR)

Membro Titular

_____

Prof. Dr. Pedro Leão da Costa Neto – (UTP)

Membro Titular

Curitiba, 31 de março de 2014.

Dedico este trabalho aos meus grandes amores, meu esposo e minhas filhas que me incentivaram a perseguir meu ideal com perseverança e coragem. Sem vocês nada disso seria possível!

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação marca o fim de uma importante etapa da minha vida. Gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a sua concretização.

A Deus e Nossa Senhora, por sempre me conceder sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para acreditar, força para não desistir e proteção para me amparar;

A meu querido esposo, José e minhas preciosas filhas Jhessica e Jhenifer pelo amor, apoio, companheirismo, confiança e motivação incondicional, no impulso e superação dos meus desafios;

A Professora Drª Etelvina de Castro Trindade (Orientadora e Coordenadora, respectivamente) por abrir as portas da sua casa, pela acolhida e disponibilidade, colaboração, competência e conhecimentos transmitidos, pelas sugestões, críticas e correções e pelo estímulo ao longo de todo o trabalho;

Aos meus pais e familiares pelo apoio demonstrado durante todo percurso que culminou nessa dissertação;

A Professora Dra. Valéria Floriano Machado de Souza e Prof. Dr. Pedro Leão da Costa pelas sugestões, as críticas e as correções, fundamentais para a conclusão dessa pesquisa e pela disponibilidade em fazê-lo em tão pouco tempo para leitura;

Agradeço as amigas pessoais Cristiane, Dinamara, Graciela, Rosane e Viviane por percorrermos este caminho juntas, nos complementando e nos fortalecendo. Obrigada pela rica troca e cumplicidade;

Aos professores Pedro Leão da Costa, Wilma Bueno e Maria Ignês M. de Boni pelo carinho e competência dedicados no decorrer do curso;

Agradeço as Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba, aos meus colegas, amigos e alunos que se disponibilizaram a participar da construção dessa pesquisa, atores imprescindíveis a sua realização.

Expresso sentimento idêntico em relação a todos aqueles que de alguma forma me acompanharam nessa caminhada. Muito obrigada…

“Renda-se como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece, como eu mergulhei. Pergunte, sem querer, a resposta, como estou perguntando. Não se preocupe em ‘entender’.
Viver ultrapassa todo o entendimento”.

Clarice Lispector

RESUMO

Esse estudo procura fazer uma análise a respeito da modernidade, dos aspectos sociais provenientes desse período histórico e sua repercussão frente aos jovens na contemporaneidade.

Com o objetivo de avaliar como a modernidade em seu aspecto móvel, dinâmico e instável participa e interfere no cotidiano dos jovens e seu universo foram realizadas entrevistas, com professores e alunos integrantes de variados cursos das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba, tendo como foco as escolhas e experiências individuais e coletivas desse grupo juvenil e suas relações familiares educacionais e sociais.

A análise das entrevistas é feita numa abordagem, segundo a teoria e os conceitos propostos por Zygmunt Bauman (2001), Marshall Berman (1986) e Anthony Giddens (1991), Eloisa Grossman (2010), Giovanni Levi e Jean Claude Schmitt (1996), Philippe Ariès(1981) e Luis Antonio Groppo (2000) entre outros.

Trata-se de uma leitura sobre as vivências, opções e opiniões a respeito da realidade atual e das expectativas e anseios de todos os atores sociais que fazem parte desse contexto e o modo como se inter-relacionam no decorrer de suas vidas.

Palavras-chave: Modernidade, Juventude, Contemporaneidade.

ABSTRACT

This study seeks to analyze about modernity, the social aspects from this historical period and its impact in the youth nowadays. With the purpose to evaluate how modernity on its mobile aspect, dynamic and unstable participates and interferes with daily life of young people and their universe were realized interviews with teachers and students of various courses of Faculty Integrated Santa Cruz of Curitiba, focusing on the choices and experiences individual and collective of this youth group and their family relations educational and social. The analysis of interviews is done on an approach, according to the theory and the concepts proposed by Zygmunt Bauman (2001), Marshall Berman (1986) and Anthony Giddens (1991), Eloisa Grossman (2010), Giovanni Levi and Jean Claude Schmitt (1996), Philippe Aries (1981) and Luis Antonio Groppo (2000) among others. This is a reading about the experiences, choices and opinions regarding of the actual situation and the expectations and aspirations of all social actors who are part of this context and how they interrelate in the course of their lives.

Keywords: Modernity, Youth, Contemporary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 ASPECTOS DA MODERNIDADE 19
1.1 MODERNIDADE EM BAUMAN 21
1.2 MODERNIDADE EM BERMAN 28
1.3 MODERNIDADE EM GIDDENS 33
2 OS JOVENS NA HISTÓRIA: AS ANTIGAS FORMAS DE PERTENCIMENTO... 44
2.1 A PRÉ-MODERNIDADE 46
2.2 OS JOVENS NA MODERNIDADE 49
2.3 O JOVEM NA CONTEMPORANEIDADE 55
3 VIVENDO NA CONTEMPORANEIDADE 61
3.1 CORRENDO CONTRA O TEMPO 62
3.2 TORNAR-SE ADULTO 65
3.3 RELAÇÕES COM OS OUTROS E CONSIGO MESMO 69
3.4 VALORES E TRANSGRESSÕES 75
4 CONCLUSÃO 80
REFERÊNCIAS 83
APÊNDICE A – ENTREVISTAS 89

INTRODUÇÃO

O momento histórico, que se vive hoje, pode ser entendido como uma mudança de paradigmas, em todos os níveis de compreensão do ser humano. A sociedade tradicional, cheia de certeza, solidez e ordem, vem sendo substituída por uma cultura de incertezas, flexibilidade e indeterminação, sendo também resultado de profundas modificações introduzidas pela inserção de novas formas de informação e comunicação. E a partir das novas tecnologias, percebemos diferenças nos direcionamentos culturais e socioeconômicos, tanto na questão pessoal, como nas organizações e instituições familiares e educacionais. Para Pierre Lévy, a comunicação virtual é um elemento de um processo que abrange toda a vida social. Os hábitos de leitura, pesquisa e estudos, assim como as formas de relacionamento e produção de informações se modificaram (LÉVY, 1996: 17).

Percebe-se, além disso, que o contato direto com o mundo virtual abre portas para as mais variadas situações que, dependendo do ponto de vista a ser analisado, pode ter aspectos positivos e negativos. Essa preocupação fundamenta-se no fato de que, atualmente, a juventude convive com conflitos de valores e tem que se posicionar diante de situações que exigem maturidade, até mesmo, como preparação para a vida adulta. Em contrapartida, o meio social, no qual o jovem está imerso, possui considerável influência nas características da sua personalidade e no seu estilo de vida. Enquanto as vivências em grupo trazem segurança, os vínculos sociais estabelecidos são marcas profundas, pois ao mesmo tempo em que possibilitam ao jovem se descobrir como indivíduo, a aceitação no grupo constitui-se uma meta e a ligação entre os membros geralmente se dá a partir de características comuns.

Por seu lado, o processo de globalização é responsável pela mudança do foco de atenção desses jovens, levando-os a executar multitarefas com rapidez e instantaneidade. No impacto da globalização, novos elementos se agregaram à definição clássica de pertencimento “sócio espacial”.

A constatação dessa realidade tornou relevante a investigação a respeito das situações vividas pelos jovens na contemporaneidade e a forma como convivem com as transformações vividas pela humanidade no período denominado por alguns estudiosos de pós-modernidade em âmbito pessoal, político e social.

Nesse aspecto, a problemática deste estudo foi lançar um olhar sobre as múltiplas sociabilidades da contemporaneidade tomando a juventude como principal categoria social. Teve como objetivos, conhecer a vivência de jovens e sua relação com o espaço-tempo, em uma instituição particular de ensino em Curitiba, com ênfase em suas experiências individuais e coletivas na vida cotidiana, focalizando modos específicos de ser, agir, pensar e sentir em relação ao momento histórico atual e sua possível interferência no âmbito familiar, educacional e social.

O trabalho desdobrou-se em várias instâncias, começando por compor um quadro teórico sobre a modernidade e seu processo histórico até a contemporaneidade; para, em seguida, acompanhar a formação do conceito de juventude até os dias atuais; e, finalmente, proceder ao trabalho de campo que permitiu conhecer o processo de construção das sociabilidades jovens e seu espaço de comunicação.

A escolha da instituição, a ser pesquisada, recaiu sobre as Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba, por razões de ordem prática, já que a autora faz parte do seu corpo docente há mais de dez anos, conhecendo, portanto, sua filosofia de ensino e seus objetivos, voltados à formação de profissionais aptos ao mercado de trabalho, o que permitiu considerá-la partícipe da realidade da época atual. Quanto ao alunado, objeto da investigação, a seleção aconteceu a partir das considerações acima e da necessidade de se trabalhar com um grupo específico que respondesse aos critérios pretendidos por um estudo de caso – metodologia eleita para o desenvolvimento dessa investigação.

Foram, assim, duas as categorias abordadas no estudo: modernidade e juventude.

A modernidade, segundo Habermas, pode ser conceituada “como a era da racionalidade, a qual fundamenta não só o conhecimento científico, como as relações de trabalho, a vida social, a própria arte, a ética” (HABERMAS, 1990: 287). Historicamente, a modernidade pode ainda ser caracterizada a partir do mito das múltiplas possibilidades da tecnologia, do domínio da razão científica, da ideia de progresso e da exaltação da democracia – diferenciando-a do mundo primitivo, do antigo e do medieval, que a precederam (ZAJDSZNAJDER, 1993: 9-10). Em seu sentido estrito, a modernidade seria um reencaminhamento do homem para o centro da sociedade, considerando suas várias dimensões: tecnológica, social, política e cultural (TOURAINE, 1994:164, 165).

Já a juventude é percebida, com base em Edgar Morin e Pierre Bourdieu, como um fenômeno social. Para Morin, a “juventude” é uma “classe de idade”, que está constantemente presente em todas as categorias sociais, porém é transitória, visto que o indivíduo só será jovem por um determinado tempo. Segundo o autor, ao mesmo tempo em que a cultura juvenil reforça o caráter individualizante de seus símbolos e valores, também promove a solidariedade e o sentimento de grupo (MORIN, 2006: 139).

Por outro lado, em seu artigo “A juventude é apenas uma palavra”, Pierre Bourdieu descreve a juventude como uma construção dos adultos a serviço de um controle social que estabelece uma divisão de poder. Para o autor a diferenciação entre jovens e velhos estabelece uma ordem que coloca cada um em seu lugar, respeitando limites sociais invisíveis. (BOURDIEU, 1983: 114).

Tomando como base as conceituações acima, o estudo buscou ainda os parâmetros que situassem limites cronológicos delimitantes da população em análise. Para isso, respeitou-se a legislação brasileira nas suas determinações jurídicas[1] considerando jovens os indivíduos em idade entre 18 e 29 anos.

Estabelecidas as duas categorias tornou-se necessário, para o encaminhamento da pesquisa, traçar uma reflexão histórica que percorresse todo o período denominado modernidade, considerando, ao longo desse período, os avanços científicos e tecnológicos que estiveram presentes nas diversas mudanças dos diferentes contextos sociais, econômicos e políticos que se configuraram em variadas épocas e locais.

Para melhor compreensão da realidade vivida na denominada modernidade, recorreu-se à análise de vários autores contemporâneos, utilizando-se com maior visibilidade Zygmunt Bauman (2001), Marshall Berman (1986) e Anthony Giddens (1991).[2]

---

[1] Para o estatuto da juventude (Lei Nº12. 852/2013), são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos, o que inclui os limites do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei Nº 8.069/1990), para o qual, a adolescência configura-se na faixa de 15 aos 18 anos. No Estatuto da Juventude são estabelecidos princípios como: direitos universais, geracionais, e singulares dos jovens; respeito à autonomia, diversidade individual e coletiva; bem como segurança frente a uma cultura de paz, solidariedade e não discriminação, favorecendo seu desenvolvimento integral no meio social. (**Estatuto da Juventude** - Presidência da República <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/.../L12852.htm> - 05/08/2013).

[2] BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** RJ: Zahar, 2001. BERMAN, M**. Modernidade - ontem, hoje e amanhã.** In: **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**; SP: Companhia das Letras, 1986. GIDDENS, A**. As consequências da modernidade**. São Paulo, Ed UNESP, 1991,

A obra de Zygmunt Bauman, em especial seu livro Modernidade Líquida (2001), foi importante para o estudo, na medida em que relaciona as transformações ocorridas nas sociedades humanas a partir da ruptura entre as sólidas estruturas do passado e a fluidez tecnológica que caracteriza o mundo atual, denominando-as, respectivamente, de modernidade "sólida" e modernidade "líquida".

A concepção de "modernidade líquida" deu embasamento para a análise da vivência dos jovens na atualidade em função do dinamismo com que se encara a vida de hoje. Outro conceito fundamental foi a percepção que o autor introduz sobre a urgência, que caracteriza a temporalidade do momento presente que se mostrou aplicável ao universo pesquisado. Também válida, foi a questão da individuação que tem relação com a proposta de vida das gerações contemporâneas, quando cada um deve responsabilizar-se por seus acertos, erros, medos e angústias – que foi um ponto forte para a análise das pesquisas.

Na sequência, foi importante a contribuição de Marshall Berman que mostra uma nova perspectiva da modernidade com base em uma retrospectiva histórica, das contribuições de Marx e Engels, escrevendo o livro "Tudo que é sólido se desmancha no ar" (1986), para justificar suas concepções. Berman se opõe ao conceito de "pós-modernidade" e defende a ideia de que a vida dos sujeitos e o pensamento moderno têm a capacidade de autorrenovação perpétuos.

Dessa forma, o autor foi de relevância para a compreensão das vivências modernas, na qual os homens agem pelo ímpeto revolucionário que não pode deter a mudança e, ao mesmo tempo, pela busca da estabilidade. Auxiliou a análise da investigação realizada, oferecendo subsídios para esclarecer a condição de "experimentalismos" dos jovens e sua difícil tarefa de escolher entre inúmeras possibilidades e diversos caminhos, na busca pelo "novo" que reformula e supera o que se tornou tradicional, evitando a repetição de velhos modelos. Segundo Berman, toda novidade se torna habitual, obsoleta e acaba sendo substituída, tornando-se a condição essencial do dinamismo social da "modernidade" (BERMAN, 1986: 47).

Outro importante autor que conferiu visibilidade ao tema, e que se dedica a desenvolver reflexões sobre as questões em pauta, foi Anthony Giddens, a partir da análise do livro "As consequências da modernidade" (1991). O autor considera que ainda se vive a modernidade, denominada por ele como "tardia", porém ela se

---

para esclarecer o contraponto entre a velha e a nova realidade em que eles estiveram inseridos.

encontra radicalizada. Para Giddens, as tradições perderam a importância que tiveram no passado, em favor daquilo que o autor chama de “reflexividade institucional”. Institucional, porque é atual, e reflexiva porque os termos usados no discurso acabam por transformar a realidade na qual o próprio discurso é formado, dando ao indivíduo a possibilidade de escolher e decidir quanto aos rumos das suas vivências tendo como base o passado e o presente.

Dessa forma, sua teoria contribuiu como contraponto importante entre as vivências atuais e todas as formas anteriores de ordem social, evidenciando seu dinamismo nos hábitos e costumes tradicionais em comparação com o impacto global. Assim, possibilitou a compreensão das mudanças e continuidades do “estilo, costume de vida ou organização social” que orientaram as escolhas desses indivíduos, ou a falta delas; já que, de um lado, está a vontade de cada um e, do outro, as influências incontestáveis da globalização que enriquecem ou empobrecem o entendimento atual do que é ser moderno (GIDDENS, 1991: 17).

Em seguida, para a análise da juventude nos tempos de modernidade, recorreu-se a Levi e Schmitt (1996), Ariès (1981), Schoen-Ferreira, & Aznar-Farias (2010), Grossman (2010), Groppo (2000),[3] entre outros, que reforçaram a afirmação de que é muito difícil conceituar a juventude, por tratar-se de uma categoria com variações múltiplas, como a diversidade cultural e diferentes contextos sócios históricos, ciclos de vida e maturidade, entre outros. A modernidade, por ser uma construção da história ocidental na qual os homens passaram a viver um novo paradigma, pode ser referência na contextualização da temática da juventude. Por esse motivo, proporciona uma reflexão interessante sobre a relação entre o jovem e a sociedade, suas vivências com os outros indivíduos e consigo próprio em diferentes épocas e contextos. No entanto, a pesquisa realizada, mesmo utilizando-se de uma análise mais geral da modernidade, concretizou seus objetivos no período que poderia-se chamar de contemporaneidade.

---

2 Para a compreensão da juventude no transcorrer desse período, ver GROSSMAN, E. **A adolescência através dos tempos**. São Paulo, 2010. Vol. 26 n. 2; LEVI, G & SCHMITT, J. (orgs.). **História dos jovens**. v.1, v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; SCHOEN-FERREIRA, T. & AZNAR-FARIAS, M. **– Adolescência através dos séculos.** Brasília, 2010, Vol. 26 nº. 2; ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981; GROPPO. L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

Supõe-se que foi graças a esses períodos da história da humanidade, que se vinculou o estabelecimento do sistema de classificação social que privilegiava as idades da vida, com as delimitações etárias, que confirmam os componentes psicológicos e fisiológicos como características específicas da juventude. Grossman destaca em seu tratado sobre a natureza humana que a juventude, conferiu características à sociedade que continuam influenciando o pensamento atual a respeito desse período específico da vida humana.

A construção desse recorte histórico trouxe a possibilidade do mapeamento da trajetória da juventude que, segundo Levi e Schmitt, baseia-se no estabelecimento da complexa evolução política, social, econômica, e cultural que alicerçou o período denominado modernidade, determinando como suas vidas eram organizadas em função de um modelo a ser seguido. Segundo Groppo, foi na modernidade que os jovens começaram a ser melhor observados e relacionados às instabilidades e conflitos emocional e biológicos e com a redefinição de seus papéis sociais, como fase distinta do desenvolvimento humano. Um momento de expressiva ascensão da condição etária que delineou melhor a ideia de “juventudes”.

Esses estudos mais recentes vieram ampliar os limites dessa investigação e dos significados atribuídos à juventude na contemporaneidade, visto que todo o processo é problemático, indefinido e pouco colabora com a sua diversidade. A ideia de juventude não tem mais um tempo determinado para terminar, ou seja, deixa de ser um período institucionalizado, para adotar-se uma postura mais relativizada, “um estilo de vida” que todos podem e devem assumir. Assim, tem início um novo período de integração dos indivíduos “jovens” no planeta, alavancado pelo advento das novas tecnologias e de todos os segmentos referentes à globalização que deram um novo sentido e entendimento aos tempos atuais. Essa perspectiva trouxe o engrandecimento desse segmento pelas considerações dos próprios jovens sobre suas experiências vividas e percebidas, suas formas de sociabilidades atravessadas por diferentes determinações e atuações e a construção dos seus projetos de vida no presente.

Utilizando os conceitos até aqui elencados, a metodologia do estudo caracterizou-se como uma pesquisa que utilizou entrevistas estruturadas, a partir de questões que investigaram as vivências dos jovens no cotidiano da contemporaneidade, pretendendo perceber as escolhas e condutas juvenis a partir da realidade concreta compreendendo sua heterogeneidade. E como essas

vivências adquirem sentido no tempo presente e de que modo esse tempo pode ter significado, na relação com o passado e o futuro.

Nessa intenção, foram realizadas, em 2013, vinte e cinco entrevistas com participantes do universo jovem[4] em variados cursos em uma instituição da rede particular de ensino[5]. Com a intenção de fazer um estudo de caso, transcreveram-se as entrevistas, dentre as quais foram selecionadas dez para uma análise mais aprofundada.

Por estudo de caso entendeu-se, aqui, "uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente" (VILABOL, 2008: 3) e que geralmente estuda um objeto específico para fazer indagações em uma determinada situação, a fim de extrair suas peculiaridades. No que se refere ao presente estudo, a entidade eleita foi o sistema educacional de uma instituição particular de ensino, quando se procurou fugir da mera descrição da realidade para realizar uma análise que contemplasse o contexto do processo educativo e o comportamento dos indivíduos entrevistados. Isso porque se tratava de uma situação complexa composta pelas diferentes visões e opiniões dos indivíduos sobre a sua vivência na sociedade contemporânea.

Com esse objetivo, ficou estabelecida a metodologia para o entendimento das vivências dessa juventude. Para tanto, utilizou-se a História Oral como recurso metodológico por ser uma abordagem que abriga narrativas que dão sentido social às experiências individuais e coletivas e procura interpretar os múltiplos olhares com a possibilidade de mostrar como as interações com o presente contribuem na maneira de concebê-lo. A oportunidade de conversar com jovens e adultos, fez optar por esse viés porque, como diz Verena Alberti, "acreditamos que a especificidade da história oral vai além do ineditismo de informações ou do preenchimento de lacunas deixadas pelos registros escritos ou iconográficos". Segundo essa autora a "peculiaridade da história oral decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu" (ALBERTI, 1989: 5).

---

[4] Por universo jovem, entende-se o conjunto de representações que tem o jovem como protagonista de um tempo de possibilidades, de promessa de futuro ao modelo cultural do presente (LLORET, 1998:20).

[5] Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba FARESC.

Assim, o elenco dos entrevistados foi composto – como já dito anteriormente – por rapazes e moças, estudantes dos cursos de Bacharelado em Sistemas de Informação, Administração e Direito e de Licenciatura em Pedagogia, na faixa de 19 a 25 anos que foram abordados individualmente. Pertencem a uma categoria social de nível médio e têm necessidade de conjugar o trabalho e o estudo.[6] Falaram sobre suas vivências, rotinas, relacionamentos e formas de pertencimento frente à realidade que se configura como um tempo da vida cada vez mais indeterminado e que vai muito além do espaço familiar e educativo. As entrevistas foram gravadas e transcritas para dar suporte à análise proposta. Fez-se também entrevistas com cinco professores da FARESC – entre 30 e 55 anos, portanto não mais considerados na categoria jovem – que funcionaram como contraponto às múltiplas configurações que fossem surgindo na diversidade dos discursos.

A partir desses dados, e com base nas referências teóricas, o trabalho ficou estruturado em três capítulos:

No primeiro capítulo, o texto realizou uma contextualização dos conceitos de modernidade, segundo autores como Bauman, Berman e Giddens. A partir dessas concepções focalizou-se a relação da sociedade com a nova configuração econômica-social e cultural ainda denominada modernidade por alguns autores e pós-modernidade por outros.

No segundo capítulo, o tema centrou-se na trajetória histórica dos jovens e suas formas de pertencimento nos contextos da pré-modernidade até a modernidade e, enfim, na contemporaneidade, períodos que adquirem sentido e significado de acordo com o modelo histórico e cultural de suas vivências.

No terceiro capítulo, a análise fez referência à configuração da vida cotidiana dos jovens na contemporaneidade e nas condições dos projetos de vida dos jovens universitários das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba. Essa discussão foi mediada pelo tempo presente com ênfase nas questões de maturidade, relacionamentos, valores e transgressões juvenis.

Dessa forma, a juventude tornou-se um tema interessante para investigação, sabendo-se que os acontecimentos de hoje tornaram-se menos previsíveis, e as

---

[6] As Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba possui um corpo docente composto por 329 profissionais de diferentes áreas de formação e atuação, sendo que 181 são professores, de idades que variam entre 30 e 70 anos, sendo a maioria do sexo masculino.

histórias de vida passaram a depender da escolha autônoma de cada um. A juventude é uma fase em que o futuro é apresentado como um número infinito de possibilidades. Portanto, esse tema, apesar das dificuldades que impõe, revelou-se sempre um empreendimento profundamente instigante, com a consciência de que, por sua complexidade, as questões não foram esgotadas, com possibilidades de pontos geradores de novas pesquisas.

1 ASPECTOS DA MODERNIDADE

No decorrer de toda a história da Humanidade, o homem sempre buscou assimilar o mundo que o cercava. Compreender o momento histórico em que se vive hoje é tarefa que motiva muitos estudiosos que divergem, porém, em suas reflexões. Enquanto, para alguns, o momento atual introduziu uma nova visão de mundo, da sociedade e da ciência, denominando esse momento de pós-modernidade, outros defendem que se vive ainda em plena modernidade, em tempos alicerçados pelas verdades e valores universais. Os questionamentos atuais envolvem, assim, diversas formas de compreender a trajetória das sociedades humanas, desde tempos mais remotos até a atualidade. Na tentativa de qualificar e explicar esse percurso, várias denominações foram adotadas e, muitas vezes confundidas, conforme a interpretação de cada autor ou cada estudioso. Dentre elas, podem ser destacados os conceitos de: moderno[7], modernização[8], modernismo[9], e modernidade.

---

[7] A visão de mundo teocêntrica e profundamente marcada pela religiosidade e pelos valores tradicionais do homem medieval, começou a mudar entre os séculos XIV e XV, após longo tempo de predomínio da Igreja e do feudalismo como organizadores da sociedade. Desse momento em diante teve origem o hoje, se considera "Moderno" com a valorização do indivíduo, da consciência e da subjetividade em oposição às instituições e às verdades estabelecidas. Tratou-se de um momento de grandes transformações em todos os setores e o homem passou a necessitar de outras explicações para a realidade à sua volta. "'Moderno' identifica-se, portanto, com a ideia de progresso e de ruptura com o passado". Iniciado com Descartes e Bacon, o pensamento moderno tem sua ênfase na subjetividade, na experiência e na crítica, opondo-se ao dogmático e ao tradicional que caracterizaram a sociedade medieval (JAPIASSU & MARCONDES, 1999: 170,171).

[8] "A modernização designa o processo pelo qual um país ou uma região experimenta alterações que melhoram a produtividade econômica e o nível de vida dos habitantes. Estas alterações não se fazem somente ao nível das técnicas; implicam igualmente modificações da estrutura social e profissional bem como das mentalidades. A modernização caminha frequentemente a par da industrialização. Segundo Tauraine, a modernização é um desenvolvimento que engendra, além dele, uma melhoria da vida pessoal e social" (BOTTMORE, 2001: 603).

[9] O modernismo foi um movimento que surgiu na última década do século XIX e início do século XX, indicando, de forma vaga, uma corrente de novos estilos e conteúdos poéticos em oposição às mudanças trazidas pela industrialização. Raymond Williams recua o período para meados do século XIX quando vanguardas da arte e da literatura, tais como Gogol, Flaubert, Dickens ou Monet, questionaram radicalmente os processos de representação (WILLIAMS, 2011: 3, 4). Essa corrente também fez parte dos movimentos culturais que deram origem, entre outras mudanças, ao surgimento das vanguardas artísticas, introduzindo um novo sentido às artes plásticas e às artes cênicas, à literatura, à música e à arquitetura e também, às novas descobertas científicas, que vieram seguidas de grandes modificações políticas, antropológicas e sociológicas ocorridas a partir de profundas transformações estruturais e técnicas na Europa, ligados aos novos modos de produção industrial. Em vista disso, as concepções que sustentaram as produções nesses campos rejeitavam os antigos valores do universo artístico e cultural, considerando-os ultrapassados e introduzindo novas maneiras de encarar a própria realidade daquele momento através de uma nova concepção de beleza e progresso. No início do século XX, na Itália, o modernismo afetou também o campo religioso, quando esse termo passou a ser usado ironicamente pelos católicos tradicionalistas

No que se refere à modernidade, ela é uma característica da experiência marcada pelo rompimento para com a tradição, opondo-se ao classicismo[10] e aos seus valores e normas, que perdem a sua natureza indiscutível e deixam, por consequência, de impor certos limites à cultura e à sociedade. Dessa forma, é possível dizer que a modernidade se instaurou quando a experiência tradicional atingiu o seu limite pela perda do sentido originário, da sua razão de ser vista, então, sendo encarada como entrave à consciência desperta e razoável das coisas, exigindo, por isso, um novo processo de refundação.

Por conseguinte, a modernidade pode ser melhor relacionada à visão de mundo e ao estado de espírito que permeiam as sociedades na atualidade, sobretudo nos centros urbanos, quando aparecem características inerentes aos grandes conglomerados, como a individuação e a impessoalidade. A questão da modernidade é uma controvérsia contemporânea envolvendo questões filosóficas de interpretação da sociedade, da arte e da cultura _ como um projeto inacabado que precisa ser levado adiante, na busca constante pela emancipação do homem.

A modernidade pode, ainda, ser representada, de um lado, pela ideia da "condição pós-moderna", defendida por Jean-François Lyotard (1924-1998) como uma necessidade de superação da modernidade e por outro, por Jürgen Habermas (1929) que introduziu o conceito de "projeto da modernidade" considerando que este não está acabado e precisa ser levado adiante, sempre com vistas à emancipação do homem, da ideologia e da dominação política e econômica (JAPIASSU & MARCONDES, 1999: 170).

De forma geral, para a maioria dos autores e estudiosos[11] que se dedicam a esse tema, ao processo que caracterizou a modernidade, seguiu-se o momento presente ou contemporaneidade; na medida em que as noções de progresso,

---

contrários ao movimento cultural inovador que pregava o evolucionismo em todos os setores. A partir desse significado reformista-religioso, o termo "modernismo" entrou para o vocabulário europeu definitivamente e até hoje traz as mesmas ideias de um movimento complexo e variado em suas múltiplas expressões (BOBBIO, 1998: 766).

[10] Por classicismo entende-se um movimento cultural que resgatou elementos artísticos da cultura greco-romana nas artes e na literatura. Caracterizou-se pelo humanismo, o racionalismo, o formalismo e o universalismo, opondo-se à visão religiosa de mundo (GUINSBURG,1999: 4).

[11] Sobre esse tema podemos citar as contribuições de autores como: BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001; BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986; CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997; GIDDENS, A**. As consequências da modernidade.** São Paulo, Ed. da UNESP, 1991; CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

história e superação, principais fundamentos da modernidade não são mais vistos como respostas à condição humana, a partir de meados do século XX.

Dentre o grande número de autores que se debruçam sobre a questão da modernidade, têm-se destacado, pela originalidade de suas colocações, os sociólogos Zygmunt Bauman, Marshall Berman e Anthony Giddens, cujas teorias foram escolhidas para dar suporte às reflexões deste texto.

1.1 MODERNIDADE EM BAUMAN

Como já visto, pensar a modernidade envolve considerar-se as constantes mudanças ocorridas nas sociedades humanas a partir do século XV quando se iniciou o que pode ser chamado de "derretimento" das estruturas solidas , que eram características tanto das instituições, quanto da vida social naquele período e daqueles que o antecederam.

É a partir dessas considerações que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman[12] utiliza a metáfora de "sólido" e "líquido" para explicar o que considera uma nova fase na história da humanidade: a da modernidade líquida. Pode-se dizer que uma das maiores contribuições dos estudos realizados por Bauman é sua análise sobre a modernidade, apresentada na obra denominada "Modernidade Líquida"[13], na qual aborda o processo histórico da construção da modernidade, dividindo-o em dois momentos: o da Modernidade e Pós-modernidade - ou "Modernidade Sólida" e "Modernidade Líquida", como passou a designá-las posteriormente.

Quando utiliza a metáfora de "sólido", Bauman faz referência às características rígidas do que é sólido a(à) sua sustentabilidade e à conservação de suas formas que precisam sofrer algum tipo de força para moldar-se a novas

---

[12]Zygmunt Bauman é sociólogo de origem polonesa, radicado na Inglaterra, nascido em 1925. É um dos intelectuais mais respeitados e produtivos da atualidade. Iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, atuou como professor emérito de Sociologia das Universidades de Leeds e escreveu mais de 50 livros trazendo suas reflexões a respeito das condições do mundo na Modernidade. Dentre suas publicações podem ser citadas: "Legisladores e interpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais." (1987); "O mal-estar na pós-modernidade" (1993); "Globalização: As consequências humanas" (1999); "Modernidade Líquida" (2001); "Tempos líquidos" (2007); "Sobre educação e juventude" (2012) e outros que relatam os problemas sociais de maneira clara e solidamente argumentada.

[13]BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

configurações. Já a liquidez, decorre da constatação de que os líquidos não têm uma(creio que dá para tirar esse “uma”) forma, ou seja, são fluídos e mudam constantemente. O autor lembra que eles “fluem”, “escorrem”, "esvaem-se", "respingam", "transbordam", "vazam", "inundam", "borrifam", "pingam"; são "filtrados", "destilados" e, diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (BAUMAN, 2001: 8).

Esse processo passou, segundo o autor, por um desenvolvimento mais significativo, no final da Idade Moderna com o questionamento de suas estruturas, “pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo da ‘tradição” (BAUMAN, 2001: 13). Um momento em que vários processos revolucionários tentaram substituir a velha ordem por uma que contemplasse melhor os interesses da sociedade. No entanto, para Bauman, tudo aconteceu lentamente e de forma sutil: “nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro...”, (BAUMAN, 2001: 13).

A partir da segunda metade dos 1900, porém, as configurações não se apresentaram mais como circunstâncias “dadas”, pois eram muitas e se contradiziam em suas direções, evoluindo do nível “macro”, sobretudo de poder, para o nível “micro” da sociedade (BAUMAN, 2001: 14). É o momento em que Bauman situa a modernidade líquida, levando em consideração as mudanças profundas do cenário ocidental, desde meados do século XX. Foi quando a crise das ideologias consideradas “eternas” produziu uma nova ordem sociocultural que, em sua análise, deixa de ser concreta e absoluta para ser líquida e relativa, causando definitivamente o que denomina o “derretimento dos sólidos”.

> (...) Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2005: 12).

Para discorrer sobre sua concepção de modernidade líquida, o autor diz recorrer a cinco conceitos básicos, - tempo e espaço; emancipação ou liberdade; individualidade; comunidade e trabalho - destacando o “tempo e o espaço” como o mais importante deles, na medida em que esses dois elementos não podem ser vistos como categorias livres da interferência das relações humanas.

Para ele, uma definição simplista de “espaço” seria o que se pode percorrer em certo tempo; e “tempo” seria o que se precisa para percorrê-lo. Nas sociedades tradicionais, tempo e espaço seguiam um trajeto paralelo, com um planejamento delineado a longo prazo, e uma organização em etapas em que se podia prever todos os acontecimentos. O tempo e o espaço tinham forma sólida e estanque, e, o poder e a riqueza mostravam-se de forma pesada, lentos e complexos em seus movimentos.

Ao contrário, na modernidade líquida se vive o presente, visto que os acontecimentos mudam instantaneamente exigindo uma maior flexibilidade. Nessas condições, o espaço se torna maior, a partir das novas tecnologias e das máquinas cada vez mais velozes. O tempo comporta mais possibilidades, como atividades e eventos rápidos e simultâneos. Nesta nova realidade, o tempo é mais valorizado que o espaço e o estável e previsível estão ultrapassados: “O tempo é diferente do espaço porque, ao contrário deste, pode ser mudado e manipulado; tornou-se um fator de disrupção: o parceiro dinâmico no casamento tempo-espaço” (BAUMAN, 2001: 97).

Nesse tempo líquido, tudo é rápido e simultâneo, interligando pessoas e objetos, espaços e tempos. Em contraponto aos períodos passados, o caminho é infindável sem permanência e durabilidade; as pessoas se movimentam num desprendimento fluído.

Pode-se, a partir dessa constatação, destacar um novo conceito de Bauman que é o de emancipação, ou liberdade, pelo qual os indivíduos passam a ocupar mais espaço para tomar decisões através de um exercício individual de poder.

A nova concepção de tempo e espaço liga-se ao sentimento de liberdade, já que as vivências não estão mais vinculadas ao estar e permanecer preso a determinadas convenções. Em consequência, há maior desprendimento afetivo e os laços de convivência familiar e social se tornam desvalorizados. Pode-se dizer que acontece uma verdadeira “desterritorialização” das pessoas, enquanto que a privatização dos espaços públicos e da política transfere o poder para o indivíduo.

O sentimento de liberdade gera, igualmente, uma privatização das tarefas coletivas que configuram a sociedade, lançando toda a responsabilidade sobre o sujeito individual que tem opções de escolha, ao invés de seguir normas pré-estabelecidas. Suas decisões fluem sobre o tempo e o espaço num movimento constante e num momento instantâneo. Liberdade é, enfim, o equilíbrio entre os

desejos, a imaginação e a capacidade de entrar em ação: “sentimo-nos livres na medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem uma nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir” (BAUMAN, 2001: 24).

Quando Bauman faz referência ao sentido de emancipação, traz uma reflexão importante para esse trabalho, a respeito de como o jovem pode exercer sua liberdade, estabelecer suas próprias opções e regras e responsabilizar-se por elas, em um contexto social no qual as relações perderam o caráter impositivo por parte dos adultos e a socialização da juventude oscila, entre a extenção do tempo juvenil e a emancipação precoce. Os jovens de hoje nem sempre possuem um tempo de crescimento harmonioso, de emancipação progressiva e controlada, e da assimilação das normas estruturantes da personalidade.

Dessa forma, essa liberdade pode se apresentar como um paradoxo, pois o indivíduo é livre para tomar decisões, mas, ao mesmo tempo, responsável pelas suas escolhas. Surge então a questão de que a emancipação pode ser uma benção ou uma maldição, já que, se, por um lado, o indivíduo se livra de normas e regras, por outro, ele é tomado pelos sentimentos de incerteza, desamparo social e isolamento: “Nesse mundo, poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratempos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final” (BAUMAN, 2001: 74).

A partir daí desdobra-se o terceiro conceito empregado por Bauman que é o de individualidade. Para desenvolvê-lo, ele toma como base as categorias de capitalismo pesado (ou industrial) e capitalismo leve (ou financeiro). Segundo ele, o capitalismo pesado tinha como característica a ordem, a disciplina, a repetição, o controle e a previsibilidade, usando como exemplo disso, o fordismo com suas tarefas e ofertas limitadas e a sujeição do trabalhador ao processo produtivo.

Nessa direção, ao analisar o capitalismo leve (ou virtual), Bauman toma como foco a ideia de consumo. Considera que, no capitalismo leve, o consumidor tem a possibilidade de fazer múltiplas escolhas, o que se torna um grande problema na medida em que a premência da decisão traz consigo uma sensação de insegurança e desamparo. Tal situação desencadeia a necessidade constante de orientação que as antigas autoridades e lideranças não conseguem mais suprir, mesmo que procurem agradar para poder se impor. São, então, substituídas por personalidades exemplares que cada um deve ser capaz de seguir “na condução das tarefas da própria vida, assumindo toda a responsabilidade pelas consequências de ter

investido a confiança nesse e não em qualquer outro exemplo” (BAUMAN, 2001: 39).

Na sociedade, na qual o indivíduo escolhe e supera os antigos padrões de consumo, cada um busca sua autoafirmação através do “ter” que passa a valer mais do que o “ser”. E na ânsia de sobrevivência, todos assumem múltiplas identidades, trocam as regras de acordo com a ocasião e a necessidade do momento - uma característica da inconstância dos tempos móveis.

Para o autor, a explicação encontra-se nas modificações ocorridas entre o capitalismo pesado e leve, situadas na transformação de postura em relação aos bens. No capital pesado havia a ideia do acúmulo durável em relação à propriedade; hoje, as perdas se transformam em ganhos pela rotatividade dos produtos que se tornam rapidamente obsoletos. No primeiro caso, havia uma relação fixa entre as pessoas e o capital, enquanto que na atualidade, os indivíduos têm plena liberdade de pensamento e ação, postura necessária para a autoafirmação contínua que o momento exige. Tal situação gera um conflito entre o “eu” e o “nós”, já que é necessário que cada um assuma a responsabilidade associada às suas ações, sobretudo às relacionadas ao mundo profissional.

Enfim, na sociedade de consumo, comprar é uma atividade individualizada que solidifica o fluído no objeto comprado. O desejo ilimitado pelos bens, a angústia da escolha e a necessidade de assumir riscos trazem uma competitividade agressiva entre os setores responsáveis pela oferta de bens no mercado consumidor. Nesse contexto, não há cooperação e solidariedade. Desfazem-se os laços, inclusive os familiares, e os relacionamentos se tornam voláteis e descompromissados: “A família, os colegas de trabalho, a classe e os vizinhos são fluídos demais para que imaginemos sua permanência e os creditemos com a capacidade de quadros de referência confiáveis” (BAUMAN, 2001: 209).

As necessidades a serem satisfeitas na contemporaneidade, são de estrutura muito mais complexa que as necessidades pessoais de outros tempos. Nesse aspecto Bauman levanta uma questão estruturante na perspectiva desse trabalho. Traz a questão da individualidade, principalmente, do jovem que está em formação, relacionada ao consumo, acarretando outras significações nos tempos atuais. Consome-se muito mais do que somente bens, mas serviços, saúde, educação e lazer. O “ter”, passou a exercer um papel central nas vivências da atualidade. Assim, a partir do momento em que o consumo se transforma em uma atividade

significativa, estendidos a outros domínios da vida social sem, contudo, ser um objeto de reflexão, torna-se motivo de preocupação e investigação.

A partir das relações humanas e das implicações do individualismo provocado pela modernidade, aflora o quarto conceito da análise de Bauman, aquele que traz a ideia de comunidade, em que o autor lembra a esperança de tempos passados quando se acreditava na existência de uma realidade ideal que produzisse indivíduos interativos, embora livres. Tal sociedade seria uma ilha de prosperidade e tranquilidade em meio a um mar revolto; uma comunidade em que todos seriam semelhantes e partilhariam as responsabilidades pelo seu futuro.

O que ocorreu na realidade foi a emergência de uma divisão mundial entre indivíduos dos mais diversos países, sujeitos à influência de sentimentos, tais como: patriotismo e nacionalismo, sendo que esse último só conseguiu introduzir naquelas sociedades atitudes de ódio e revolta, inimizade e conspiração. Bauman, recuperando conceitos já clássicos na sociologia, sugere que:

> Essa diferença entre patriotismo e nacionalismo tende a ultrapassar a mera retórica e entrar no domínio da prática política. Seguindo a terminologia de Claude Lévi-Strauss, podemos dizer que a primeira fórmula é mais capaz de inspirar estratégias "antropofágicas" ("devorar" os estrangeiros, de modo que sejam assimilados pelo corpo de quem devora e se tornem idênticos às outras células deste, perdendo sua própria distintividade), enquanto que a segunda se associa mais à estratégia "antropoêmica", de "vomitar" e "cuspir" aqueles que não são aptos a ser *"nós"*, seja isolando-os por encarceramento dentro dos muros visíveis dos guetos ou nos invisíveis (ainda que não menos tangíveis por essa razão) muros das proibições culturais, seja cercando-os, deportando-os ou forçando-os a fugir, como na prática que recebe o nome de limpeza étnica *(*BAUMAN, 2001: 201).

Com essa constatação das consequências temíveis da diluição das antigas formas comunitárias, o autor destaca a divisão entre a população sedentária da modernidade sólida e a nômade da modernidade líquida, causadora do deslocamento de poder que trouxe consigo inúmeras contrariedades. Por seu lado, o fenômeno da globalização ampliou positivamente os horizontes, mas apagou os limites entre os povos, gerando, também, a competitividade entre as nações e a exploração dos mais fracos pelos mais fortes.

A posição de Bauman remete ao pensamento de Karl Mannheim, no qual o pensar individualizado não deve ser visto fora do contexto da ação coletiva, já que os integrantes de um grupo cooperam e competem em núcleos diversamente organizados e assim, em um momento pensam em comum, em outro, antagonicamente. É a "mudança ou a conservação", como atividade coletiva, que

determina seus modos de pensar. Assim a competição controla a atividade econômica, os acontecimentos políticos e sociais e também, as diversas interpretações do mundo reveladas como expressões intelectuais de grupos em luta pelo poder (MANNHEIM, 1961: 110, 111).

Finalmente, Bauman inicia as suas considerações sobre as relações de trabalho, o quinto conceito abordado, com base na ideia de progresso. Para ele, nos tempos tradicionais, o progresso seria uma garantia de um bem-estar duradouro e havia total confiança na permanência dessa condição. No momento presente, por outro lado, o progresso implicaria numa busca constante de realização, um desafio sempre renovado, consumido com rapidez e de curto prazo.

Enquanto em tempos mais remotos, as relações de trabalho desenvolviam-se no longo prazo e o trabalhador estava atrelado ao sistema sem possibilidade de emancipação, nas sociedades atuais, o trabalho não está mais ligado ao capital, a pessoa não se prende ao espaço profissional, pois ele se tornou virtual. O indivíduo e a empresa são independentes. Os vínculos são mantidos por curto prazo, possibilitando a flexibilidade do ir e vir. Tal situação traz incerteza, fragilidade e desengajamento porque ninguém se sente seguro. Condição que gera uma busca de satisfação instantânea, quando se acredita que uma oportunidade não aproveitada é uma oportunidade perdida.

Depois de tantas considerações pessimistas sobre a modernidade líquida, Bauman encerra sua obra com certo tom de otimismo quando conjetura se todos os problemas e as incertezas apontadas não poderiam ser resolvidos a partir das reflexões derivadas de uma nova maneira de trabalhar a sociologia. Fecha então suas considerações com um parágrafo em que preconiza em futuro mais promissor: “Fazer sociologia e escrever sociologia têm por objetivo revelar a possiblidade de viver em conjunto de modo diferente, com menos miséria ou sem miséria (...)” (BAUMAN, 2001: 246).

Assim, a partir das teorias sociais e culturais, determinantes para o desenvolvimento desse trabalho, entende-se que o fundamento de todo comportamento humano, em qualquer idade, não está no indivíduo, mas fora dele, nos grupos sociais a que ele pertence, ou que gostaria de pertencer. Um dos aspectos que fundamentam esse trabalho são as convivências, mas os homens têm que ter liberdade, pois enquanto não tiverem autonomia em relação à sociedade, não terão respostas às questões sociais e culturais aqui levantadas. Dessa forma,

pode-se entender que as sociabilidades assumem um papel de destaque no mundo globalizado.

1.2 MODERNIDADE EM BERMAN

O segundo autor escolhido para a reflexão sobre a modernidade, o filósofo e cientista político Marshall Berman[14], dedicou grande parte dos seus estudos à complexa noção de modernidade que definiu como um ambiente perigoso, pois ao mesmo tempo em que une a espécie humana anulando as fronteiras geográficas, raciais, de classe, nacionalidade, religião ou ideologia, coloca o homem em permanente desintegração e constante angústia, lutas e contradições. Trata-se de uma experiência de vida compartilhada:

> Ser moderno é encontrarmo-nos em um meio-ambiente que nos promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de nós mesmos e do mundo – e que, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que conhecemos, tudo o que somos, porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia" (BERMAN, 1986: 15).

Em sua obra "Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade"[15], Berman teve como objetivo revistar as tradições oriundas da modernidade para ver como podem esclarecer o senso atual do que é ser moderno. Para tanto, o autor descreve o avanço das descobertas das ciências, da indústria e dos movimentos que transformaram a sociedade e aceleraram o ritmo de vida, sobretudo no século XX (BERMAN, 1986: 15 e 16).

Berman conduziu sua análise da modernidade dividindo-a em três fases: Início do século XVI até o término do século XVIII; a fase revolucionária iniciada com a Revolução Francesa; e o século XX. Na primeira fase, do início do século XVI até

---

[14] Marshall Berman é norte-americano de Nova York, estudou nas universidades de Columbia, Oxford e Harvard e atua como professor de teoria política e urbanismo na City University, em Nova York. Seus estudos resultaram várias obras como "Aventuras do marxismo" (2001) e "Um século em Nova York: espetáculo em Time Square" (2009) entre outros. Sua obra mais conhecida é "Tudo o que é sólido desmancha no ar: as aventuras da modernidade". (1986), que orientará o estudo em questão.

[15] BERMAN, M. **Modernidade - ontem, hoje e amanhã. In: Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade;** Introdução; [tradução Carlos Felipe Moíses, Ana Maria L. Ioriatti]. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Marshall Berman faleceu em 11 de setembro de 2013.

o fim do século XVIII, as pessoas estavam apenas começando a experimentar a vida moderna. Ninguém ainda havia se dado conta das mudanças que estavam acontecendo, não tinham noção do que ocorria; havia pouco ou nenhum senso de público ou comunidade, dentro da qual seus julgamentos e esperanças pudessem ser compartilhados.

Berman se utilizou da experiência e obra de Jean-Jacques Rousseau (1712–1778), que foi o primeiro a usar a palavra "*moderniste*" por se ver profundamente envolvido e perturbado com situações vividas na sociedade de sua época, afirmando que ela estava à beira do abismo.

> Essa atmosfera – de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto-expansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma – é a atmosfera que dá origem a sensibilidade moderna (BERMAN, 1986:18).

A segunda fase destacada por Berman teve início por volta de 1790, com a grande onda revolucionária desencadeada com a Revolução Francesa. Em consequência disso, um grande e moderno público, que compartilhava dos sentimentos revolucionários, ganhou vida repentinamente e de maneira dramática, compartilhando da finalidade de libertação política, social e econômica. Em contrapartida, o público moderno do século XIX ainda tinha a lembrança do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chegou a ser moderno por inteiro.

Segundo Berman, a experiência moderna do século XIX desenvolveu-se em uma paisagem urbana diferenciada e dinâmica: são cidades que cresceram equipadas com novos meios de transporte, e variados instrumentos de comunicação cada vez maiores. Um ambiente repleto de inovações, contrastando com a cidade industrializada. Assim, essa época refletia a dicotomia das classes sociais (o proletariado e a burguesia) e a reestruturação da cidade tradicional segundo as exigências econômicas e políticas da vida moderna (BERMAN, 1992, p.18, 19).

Esse contexto provocou, nos pensadores da época, críticas radicais apesar de uma atitude que o autor considera positiva. Um dos expoentes desse grupo foi Karl Marx (1818-1883) que denunciou o peso da atmosfera de seu tempo apontando para suas contradições: as forças industriais e científicas versus os sintomas de

decadência; as conquistas da arte contra a escravização do homem pelo homem; a luz da ciência no pano de fundo da ignorância (BERMAN, 1986: 19).

Para Marx, na modernidade, toda a rigidez das sociedades antigas foi expulsa das antigas relações e das opiniões tradicionais e todas as novas relações também não conseguem se tornar permanentes. Daí esse autor dizer que: “Tudo que é sólido se desmancha no ar”[16] (MARX & ENGELS, 1988) – expressão adotada por Berman no título de seu livro.

Segundo Berman, nessa análise, Marx denuncia a desumanização do trabalhador oprimido pela classe dominante, a burguesia, cuja busca pelo lucro trouxe desespero e desestruturação à sociedade da época. A solução desse impasse estaria, para Marx, no governo dos homens de vanguarda, os operários, através da Revolução e da luta de classes.

Da mesma forma que Marx, Nietzsche (1844-1900) se preocupa com os problemas da modernidade. Para esse autor, na sua obra “Além do bem e do mal” (1882)[17], ao mesmo tempo em que o homem moderno sente o vazio de valores, se defronta com uma grande oferta de possibilidades, o que gera uma oposição entre um grande desenvolvimento tecnológico versus destruição e autodestruição próprios, resultados do individualismo desenvolvido pela raça humana. Esse indivíduo se vê exposto ao mundo e, assim, precisa cercar-se de proteção através de regras de conduta necessárias para a sua autopreservação, à autoimposição, autoafirmação e autolibertação (NIETZSCHE apud BERMAN, 1986: 21).

No século XX, terceira e última fase, para Berman, o processo de modernização se expandiu e dominou virtualmente o mundo todo, assim como a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento na arte e no pensamento prosperou e cresceu. No início desse período, produziu-se uma grande quantidade de obras e ideias de alta qualidade:

> Na pintura e na escultura, na poesia e no romance, no teatro e na dança, na arquitetura e no design, em todo um setor de media eletrônica e em um vasto conjunto de disciplinas científicas que nem sequer existiam um século atrás (BERMAN, 1986: 23).

---

[16] MARX, K. **O manifesto do Partido Comunista**. Textos por Karl Marx e Friedrich Engels. Ed. Brasileense, São Paulo, 1988.

[17] NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal; Prelúdio de uma filosofia do futuro**. Edição brasileira - 2ª ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Por certo, esse século se configura como o período mais produtivo e dinâmico da história da humanidade.

Colocando-se como ator neste cenário e como coparticipante do fenômeno da modernidade, Berman observa que, na expansão ocorrida no despertar do século XX, o público moderno se multiplicou em uma multidão de fragmentos e de múltiplas linguagens. A ideia de modernidade percorreu em inúmeros caminhos, perdeu muito de sua nitidez, ressonância e profundidade. Sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas se dissolveu. A consequência disso, é que o homem na Era Moderna perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade. Rompeu a conexão entre a sua cultura e a sua vida.

Na sequência, analisando os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, o futurismo italiano afirmava o progresso da ciência que tornava inevitável as transformações da humanidade, "cavando um abismo entre aqueles dóceis escravos da tradição e nós, livres modernos".[18] Segundo Berman, a tradição se igualava à escravidão, no sentido de se manter fechada nas estruturas já conhecidas e aceitas por todos enquanto que a modernidade se igualava à liberdade do novo, do progresso e de um longo caminho a ser percorrido (BERMAN, 1986: 24).

Para o autor, o futurismo foi a "celebração" da tecnologia moderna a um extremo autodestrutivo, estabelecendo, após o final da Primeira guerra, a visão de que as máquinas e os sistemas mecânicos desempenhavam os papéis principais, deixando muito pouco para o homem moderno executar, além de apertar um botão. Tanto Marx, quanto Nietzsche, todos os grandes críticos do século XIX e XX "chegam a compreender como a tecnologia moderna e a organização social condicionou o destino do homem" (BERMAN, 1986: 26).

Berman considera ainda que, tal situação desencadeia um sentido mais pessimista sobre a modernidade, como é apresentado no desfecho da obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" de Max Weber (1864- 1920), quando esse autor afirma que todo o "poderoso cosmo da moderna ordem econômica" era "um cárcere de ferro", sendo essa ordem determinante do destino do homem. Muitos estudiosos da época acompanharam a posição de Weber que depositou pouca fé no

---

[18] Neste trecho Berman da voz aos futuristas italianos, utilizando o texto MARINETTI. F. T. "The Founding and Manifesto of Futurism, 1909", trad. R. W. Flint, in Futurist Manifestos, p. 22.

povo e menos ainda nas classes dominantes, em função de seu ceticismo e sua visão crítica dos homens modernos, posição enfatizada por Berman:

> (...) As massas pululantes (...) não têm sensibilidade, espiritualidade ou dignidade como as nossas; não é absurdo (...) que esses "homens-massa" (ou "homens ocos") tenham não apenas o direito de governarem-se a si mesmos, mas também (...) o poder de nos governar? (...) Tanto Marx como Freud são obsoletos: não só lutas de classes e lutas sociais, mas também conflitos e contradições psicológicos foram abolidos pelo Estado de "administração total" (BERMAN, 1986: 40).

Na visão de Berman e na dos contrários ao mundo moderno, a modernidade é formada por máquinas, das quais os homens e mulheres modernos não passam de reproduções mecânicas. Fazendo uma retrospectiva do pensamento modernista, o autor alerta para o perigo de desprezar pensadores como Marx, Nietzsche, Baudelaire e Dostoievski que experimentaram o gosto da modernidade e podem ajudar a entendê-la hoje (Berman, 1986: 35).

Seguindo adiante e chegando a meados do século XX, na década de 1960, Berman descreve uma atmosfera inconstante que gerou diversos e controversos pensamentos sobre o sentido último da modernidade, dividindo o modernismo dos anos 60 em três tendências baseados nas suas atitudes frente à vida moderna: o modernismo afirmativo, o negativo e o ausente (BERMAN, 1986: 28).

Primeiramente apresenta o modernismo ausente para o qual a única preocupação da arte modernista era a própria arte, arte-objeto, pura ou auto referida. Ela "Libertaria os artistas dos inconvenientes da vida moderna, mas tornaria a sua obra 'árida' e 'sem vida'".

Já a visão negativa do modernismo seria a "tradição de destruir a tradição", o combate e a eliminação de todos os valores sem a preocupação em reconstruí-los; pretendia uma sociedade livre de preocupações, onde os homens viveriam em paz para sempre.

Por último, a visão afirmativa do modernismo estaria na eliminação dos limites entre a "arte" e as outras atividades humanas, tais como: "o entretenimento comercializado, a tecnologia industrial, a moda e o *design*, a política" (BERMAN, 1986: 30-31). Esses pensadores, que também se autodesignaram "pós-modernistas" são classificados por Berman como "estreitos", "autoindulgentes" e "castradores" do espírito moderno. Causaram uma abertura ao mundo moderno, mas, também,

perderam um lado crítico que levaria à denúncia das mazelas do mundo em que viviam.

Para o autor, todos os modernismos dos anos 60 se comprometeram com a sociedade em que viveram numa linguagem comum, porém, os anos 1970, ressentiram-se da falta de entusiasmo e narrativa que caracterizaram a década anterior.

Muitos intelectuais da época ignoraram a questão da modernidade e se desvincularam dela, “adotando a mística da pós-modernidade” (BERMAN, 1986: 32) que trabalha com elementos isolados sem integrá-los numa unidade, tornando os homens cada vez mais isolados.

De acordo com o pensamento de Berman, o único pensador desse período que se preocupou com a modernidade foi Michel Foucault, que retomou as ideias de Weber, considerando o homem como um prisioneiro das instituições.

> Inútil tentar resistir às opressões das injustiças da vida moderna, pois até os nossos sonhos de liberdade não fazem senão acrescentar mais elos a cadeia que nos aprisiona; porém, assim que nos damos conta da total futilidade disso tudo, podemos ao menos relaxar (BERMAN, 1986: 34).

Isso posto, a proposta final de Berman seria retornar ao que ele chama de “o dinâmico e dialético modernismo do século XIX” com Marx, Nietzsche, Baudelaire e Dostoiévski, pois voltar atrás talvez seja uma maneira de seguir adiante (BERMAN,1986: 35).

Embora Berman não se faça presente com frequência nas análises efetuadas, suas posições estão implícitas em toda a trajetória do texto, pelo caráter histórico da sua narrativa e pela ênfase no ato de lembrar e de conhecer as vivências dos que já viveram – e ainda vivem – a possibilidade dos avanços, por um lado, no destaque das mudanças ou, como disse o autor, a “destruição”, e por outro, a crença na resistência e na renovação.

1.3 MODERNIDADE EM GIDDENS

A modernidade sempre esteve presente nos estudos das Ciências Sociais e de modo geral, as diversas análises sobre o tema verificam as transformações ocorridas nas mais variadas ordens e reconhecem que existe um processo de

mudanças que resulta em novos comportamentos, valores e referências nas vivências da atualidade. Nessa perspectiva, Anthony Giddens[19] tem-se destacado por apresentar uma nova maneira de entender as mudanças trazidas pela vida moderna e reconhecer a emergência de novos modos de vida (GIDDENS, 1991:13).

De acordo com o pensamento de Giddens, a ação social moderna, por ser objeto do pensamento sociológico, tornou-se difícil de ser explicada dentro da combinação de forças alcançada pela modernidade e a complexidade da sociedade contemporânea:

> Se formos compreender adequadamente a natureza da modernidade, quero argumentar, temos que romper com as perspectivas sociológicas [...] Temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais (GIDDENS, 1991: 25).

Analisando esse contexto, o autor acredita que se deva verificar a natureza da modernidade de maneira mais profunda. Esclarece sua posição voltada ao que ele chama de uma interpretação “descontinuísta” do desenvolvimento social moderno, concebendo que as instituições sociais modernas são, em alguns aspectos, diferentes de outros tipos da ordem tradicional (GIDDENS. 1991: 13).

Para explicitar o sentido de moderno, o autor lembra que as descontinuidades que separam as instituições sociais “modernas” das ordens sociais “tradicionais” ou “pré-modernas” estão associadas a um conjunto de atitudes perante o mundo. São novas formas de pensar e agir que se formaram lentamente e se definiram e afirmaram como base organizacional da vida social.

Assim, a posição do autor para o que determina as sociedades tradicionais ou pré-modernas, seria a organização estável das relações que se davam no parentesco, através do tempo e do espaço, orientando o modo de agir e se portar. A maior parte da população vivendo em pequenas vilas é característica dos tempos pré-modernos, onde o senso de espaço geográfico e social era estreito e fixo: cada “espaço” tinha o “seu” tempo. O autor descreve a classe de trabalhadores daquele

---

[19] Anthony Giddens nasceu em 1938, em Edmonton, no norte de Londres. Possui licenciatura em Sociologia e Psicologia da Universidade de Hull, mestrado na London School of Economics, e Ph.D. na Universidade de Cambridge. É professor na Escola de Economia de Londres e um dos mais conhecidos intérpretes da modernidade, influenciando vários ramos da teoria social contemporânea.
É autor de outras obras importantes como “Modernidade e Identidade”, 2002; “A vida em uma sociedade Pós-tradicional”. In BECK, U: GIDDENS, A.; LASH, S, 1997 e “Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna”. 1997.

período como “encaixados” em suas comunidades locais pela proximidade que tinham com a natureza, devido à sua confiança na agricultura como meio de subsistência. O dinamismo da modernidade deriva da separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o "zoneamento" tempo-espacial preciso da moderna vida social da contemporaneidade. Por isso, o senso temporal do trabalhador geralmente era local e cíclico, baseado em estações e com poucas noções do que os modernos chamam de “carreira” e “ascensão social”.

Segundo o autor, as sociedades pré-modernas seriam “encaixadas”, isto é, suas vivências eram mais restritas, demarcadas e pouco permutáveis umas com as outras, ao contrário das sequentes sociedades modernas que seriam *desencaixadas*, isto é, suas interligações são ampliadas e seus lugares entrelaçados em função da circulação e adaptação à estrutura de outras escalas de tempo e espaço. Os tempos da história que se compuseram no processo de modernização “distanciaram” os indivíduos e as comunidades das sociedades tradicionais das noções estreitas de tempo, espaço e status.

Para Giddens, o marco inicial dessa transformação das sociedades pré-modernas em modernas foi a invenção do relógio mecânico, que tornou possível uma representação abstrata do tempo e a desvinculação a um lugar específico permitindo, assim, uma medida de tempo universal. Para os indivíduos daquela época, o sentimento era de que o mundo estava encolhendo; os espaços passaram a ser penetrados e moldados socialmente, dando a impressão de que as distâncias “diminuíram” a partir do momento que as comunidades começaram a cronometrar seu senso de tempo com o de outra comunidade do outro lado do globo.

Aprofundando suas reflexões e contrapondo-se a algumas discussões em curso sobre o tema, para Giddens a modernidade deve ser submetida a uma análise que dê ênfase ao fator cultural e epistemológico do tema. Ele afirma que: “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influencia” (GIDDENS 1991: 11). Para ele, hoje se vive a radicalização da modernidade ou de um tempo em que o modo de vida iniciado no século XVII chegou ao seu ápice.

Além disso, a postura de Giddens é de crítica à concepção de um período denominado pós-modernidade, considerando que a questão não é inventar novos termos, mas buscar a análise da sua essência. Prefere falar na reflexividade da

modernidade que, para ele, consiste na constante reformulação das práticas sociais a partir do conhecimento das mesmas, transformando sua constituição intrínseca. Essa nova formulação reestrutura os ambientes que deste modo são reorganizados e, na modernidade tardia, são marcados pela radicalização e globalização de traços básicos da modernidade.

O autor não acredita, portanto, na ideia da modernização como representante do começo de uma nova época da humanidade, que estaria para "além da modernidade". Cita Daniel Bell (1973) que se refere a este "além" como sendo uma sociedade pós-industrial. Lyotard (1990), Bauman (1998) e Harvey (1992), que, embora com enfoques diferentes, se referem a este contexto como sendo pós-moderno.[20] Assim, seria impossível obter-se um conhecimento sistemático sobre a organização social atual diante da diversidade de fenômenos vivenciados no cotidiano que tornam difícil a compreensão dos fatos que geralmente se apresentam fora de controle (GIDDENS, 1991: 51).

A partir dessa premissa, surgiram várias interpretações: a ideia de sociedade de informação ou a sociedade de consumo; outras vão mais além, introduzindo uma noção de encerramento. Entre as expressões usadas estão: "pós-modernidade, pós-modernismo, sociedade pós-industrial" e assim por diante.

Para Giddens, em função dos diferentes conceitos entre os que defendem a retomada do projeto da modernidade e aqueles que já presenciam a pós-modernidade, talvez a crise seja a única certeza; a necessidade de se criar novos modos de interpretação e atuação para a realidade atual seja a maior preocupação comum aos homens modernos.

Quando Giddens faz referência ao "novo" para determinar o momento histórico que se vive hoje, ele proporciona um olhar mais atento para a juventude. Dessa forma, experimenta-se a necessidade e curiosidade de investigar esse tema pelo seu formato de novidade e porque desperta a consciência por maiores esclarecimentos a respeito dessa categoria. O trabalho, a escola, os valores e a política, constituem elementos centrais dessas transformações, que afetam os jovens mais que outros núcleos da sociedade, porque é uma história que nasce junto com eles. As mudanças globais que definem esse momento aguçam o

---

[20] Fragmento citado no artigo Modernidade, reflexividade e movimentos sociais: reflexões sobre a constituição da identidade camponesa. A. J. Zangelmi e F. R. Costa Oliveira. <r1.ufrrj.br/esa/art/200904-154-187>

interesse por descobrir como os jovens são afetados pelas transformações sociais em curso.

O autor busca explicar também o momento atual a partir de conceitos opostos. Ele chama atenção para dualidades, como segurança e perigo e confiança e risco, aprofundadas pela expansão mundial das instituições modernas. Segurança, no sentido de que o homem moderno vive um estado de incerteza permanente, cercando-se de proteção pela defesa contra as ameaças existentes, o que diminui o risco associado a outras incertezas das relações sociais que pressupõem a confiança.

Confiança, nessas circunstâncias, pode ser entendida como “crença ou crédito em alguma qualidade ou atributo de uma pessoa ou coisa, ou a verdade de uma afirmação”, concebendo assim, a ideia de que a “crença” e “crédito” estão ligados à confiança por alguma forma de “fé” (GIDDENS, 1991: 41).

A confiança, assim, seria o pressuposto das circunstâncias de risco, onde o indivíduo reconhece as alternativas e calcula os prováveis perigos assumindo, parcialmente, as responsabilidades de seus atos, o que não ocorre com a crença. A distinção entre confiança e crença passa a depender, portanto, do comportamento prévio da pessoa e, do mesmo modo, de uma possibilidade de discriminação na relação entre risco e perigo. A partir disso, a possibilidade de separar risco e perigo deve derivar basicamente das características sociais da modernidade, visto que a noção de risco é de origem relativamente recente.

Para Giddens, confiança e risco são meios de organizar o tempo futuro. Risco remete a “libertar-se do passado para encarar o futuro”. Confiança é “comprometer-se futuramente com uma pessoa, grupo ou sistema” (GIDDENS, 1991: 77). Ainda segundo o autor, a confiança está envolvida “[…] de uma maneira fundamental com as instituições da modernidade”. Essa afirmação é feita por ele para se referir à utilização do dinheiro, pois é nele que se confia e “não apenas, […], nas pessoas com as quais as transações específicas são efetuadas” (GIDDENS, 1991: 34).

Outro aspecto relevante desses fenômenos é que a confiança está atrelada à contingência e não ao risco, já que leva à credibilidade tanto das ações dos indivíduos (probidade), quanto à operação do sistema. Isso acarreta outro ponto: a confiança não é o mesmo que fé na credibilidade de uma pessoa ou sistema; ela é o que deriva dessa fé, é o elo entre a fé e crença.

Nesse sentido de modernidade, a confiança passa a existir dentro de alguns contextos: a atividade humana - mesmo sob o impacto da tecnologia sobre o mundo material - é criada pela natureza das coisas e não por influência divina: compreender que a ação humana é determinada pelo caráter dinâmico das instituições sociais modernas. O sentido moderno de acaso surge ao mesmo tempo em que o de risco.

Giddens esclarece então que perigo e risco aparecem intimamente relacionados, mas não são a mesma coisa. Da mesma forma, risco e confiança se entrelaçam e a confiança serve para reduzir os perigos aos quais alguns tipos específicos de atividade estão sujeitos. Alguns desses riscos apresentam-se institucionalizados como o mercado de ações ou esportes perigosos, onde o risco é conscientemente calculado. Esses riscos nem sempre são individuais, em certas instâncias afetam potencialmente todos sobre a face da Terra. No contexto atual, alguém que considere o mundo como um risco irá se tornar incapaz de agir, de modo que se vem produzindo o oposto, a adoção de atitudes para enfrentar a imprevisibilidade dos riscos modernos.

Quando se pensa nas vivências contemporâneas, principalmente dos jovens que se constituem como objeto desse estudo, num certo sentido, não tem como desassociá-los das situações vivenciadas em outras épocas. Os riscos e desafios não constituem algo novo para a espécie humana, porém o que se configura como inédito, são as promissoras conquistas e ameaças decorrentes do avanço da globalização e das tecnologias tão presentes nos modos de viver desses jovens. Portanto, os “perigos” e “riscos”, modificam-se na medida em que os sujeitos podem exercer algum controle sobre eles.

Finalizando sua concepção sobre o mundo moderno, Giddens apresenta uma nova maneira de entender as mudanças trazidas pela modernidade, esclarecendo como a tradição integrou e organizou a ação tempo-espacial das experiências do passado, presente e futuro estruturadas através das práticas sociais. Nessa perspectiva, a tradição não se apresenta estática, mas dinâmica, visto que tem que ser reinventada a cada nova geração. As ações sociais são renovadas e reavaliadas em função dos conhecimentos que vão sendo produzidos sobre as próprias ações e os sistemas sociais nos quais elas têm lugar.

Giddens lança mão então do conceito de “reflexividade”, considerando que, a partir do advento da modernidade, o seu caráter passa a fundamentar a “reprodução do sistema”. A vida social moderna tem na reflexividade, o fato das suas práticas

serem “constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas” mudando assim, a constituição do seu caráter (GIDDENS, 1991: 45). Mesmo nas sociedades mais avançadas, a tradição mantém o seu papel.

Isso significa que, em contrapartida, a reflexividade da vida social moderna passa por constantes reformulações em função das informações sobre suas práticas, alterando continuamente seu caráter; o que não quer dizer que a tradição desapareceu, mas, simplesmente que, ao se submeterem à avaliação reflexiva, as tradições podem ser justificadas como tendo valor em um universo de valores plurais em competição (Giddens, 1991: 45).

Acontece que na modernidade, a tradição perde o lugar privilegiado que dispunha nas sociedades pré-modernas, como mecanismo de coordenação das práticas sociais. Para Giddens, uma sociedade dotada de reflexividade é marcada pela redescoberta, bem como pela diluição daquilo que sempre pareceu ser uma tendência estabelecida.

Sendo assim, o que caracteriza a modernidade não é a adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade ao introduzir a reflexão sobre a natureza da própria reflexão. Para ele, a reflexividade da modernidade subverte a razão - entendida como certeza de aquisição de conhecimento - já que é constituída através do conhecimento reflexivamente aplicado, mas, ao mesmo tempo, não oferece a segurança de que qualquer elemento resultante desse conhecimento não será revisado.

Assim, para a maioria dos indivíduos e grupos sociais, o distanciamento e aproximação entre o local e o global pode representar o fundamento da sociedade atual. Nas palavras de Giddens, “quanto mais a tradição perde terreno, e quanto mais reconstitui-se a vida cotidiana em termos da interação dialética entre o local e o global, mais os indivíduos veem-se forçados a negociar opções por estilos de vida em meio a uma série de possibilidades” (GIDDENS, 1997: 5).

> No cenário do que eu chamo a modernidade tardia – o nosso mundo de hoje – o self, tal como os contextos institucionais mais vastos nos quais ele existe, tem de ser construído reflexivamente. No entanto, essa tarefa tem de ser cumprida no meio de uma confusa diversidade de opções e possibilidades (GIDDENS, 1997: 2-3)

Nesse sentido, para Anthony Giddens, a globalização é um fenômeno recente de ordem política, econômica, tecnológica e cultural que é comunicada a todas as partes do mundo, envolvendo todos os grupos e países numa disputa de posições e de influências recíprocas que se expressam de forma antagônica e imprevisível.

Dessa maneira, o autor apresenta a modernidade de forma multidimensional e a partir das mudanças da ordem social, que fazem interconexões com o sistema mundial, ao mesmo tempo em que alteram algumas das mais íntimas e pessoais características da existência cotidiana (GIDDENS, 2001: 13, 14). Esse confronto entre as certezas herdadas e as novas formas sociais confere à modernidade um caráter reflexivo, que traz reformulações sociais, ao mesmo tempo em que são constantemente examinadas sobre suas próprias práticas e alteram de maneira contínua o seu caráter. Logo, o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si e suas intenções vão além de todos os aspectos da vida em sociedade.

Para Giddens o conhecimento nas sociedades não deve ser visto de forma meramente instrumental, no qual geraria necessariamente maior controle sobre a vida social e o mundo físico. O autor identifica limitações no conhecimento do mundo, particularmente aquelas que o conhecimento poderia proporcionar de dominação e controle sobre o mundo social: “Nenhuma quantidade de conhecimento acumulado sobre a vida social poderia abranger todas as circunstâncias de sua implementação” (GIDDENS1991: 50, 51).

Dessa forma, Giddens demonstra como o diálogo adquire importância no sentido de reparar os danos causados à “solidariedade” nas famílias, comunidades e demais instituições, na construção da democracia pública. Assim, a obra de Giddens tornou-se muito importante para a compreensão das ciências sociais na atualidade, proporcionando ao desenvolvimento do presente estudo, subsídios que nortearão os procedimentos de suas pesquisas.

★★★★★

Analisar e entender o que caracteriza a sociedade contemporânea e suas interpretações é o desafio que fundamenta as metáforas e os conceitos aplicados por Zygmunt Bauman, Marshall Berman e Anthony Giddens, em suas obras, as quais, apesar de apresentarem contrastes, se mostraram afins e até complementares, visto que adotam o mesmo foco através de diferentes pontos de vista.

Os três autores concordam que os dias atuais são reflexos de um longo desenrolar da história, a partir do início da Idade Moderna e que se caracteriza, hoje em dia, em um ambiente de caos, de insegurança, de emergência de novas formas de comunicação, gerando nas pessoas um sentimento de insegurança, medo e angústia. Para eles, a modernidade é justamente a quebra da promessa de segurança em que as sociedades tradicionais se apoiavam e pela qual se poderia obter a tranquilidade no planejamento a longo prazo.

Bauman, Berman e Giddens também se assemelham na análise que fazem sobre as transformações relativas à questão de tempo e espaço. Consideram que, na modernidade, tempo e espaço são virtuais, o tempo passa a ser flexível, e por isso, de maior relevância, já que os acontecimentos e as informações são simultâneos. O espaço que em tempos passados, era rígido e local, hoje possui extensões indefinidas e deslocamentos constantes.

Nesse novo contexto, para eles, as relações sociais se efetuam na busca da realização profissional e pessoal, gerando uma postura de autoafirmação e um sentimento de angústia face às múltiplas ofertas e a consequente responsabilidade pela escolha a ser feita _ sobretudo no que se refere às possibilidades de consumo. Nas sociedades atuais, a relação com o consumo afeta os valores, que entram em “crise” (Giddens), se tornam “vazios” (Berman) e “voláteis” (Bauman). Como resultado, a própria individualidade entra em crise, as relações tornam-se descompromissadas, dissolvendo-se laços e vínculos interpessoais. O “ter” vale mais do que o “ser”.

Para todos os três, esse longo processo, desde o início da modernidade, está ancorado nos fatores políticos, econômicos e sociais que regeram e regem as

sociedades humanas e, a partir de comunidades restritas, alcançaram o nível mundial.

Os autores não estão, porém, tão em acordo com a própria concepção expressa no termo “modernidade”. Para Giddens e Berman, a modernidade ainda se encontra em curso, visto que não acreditam em uma ruptura em seu desenrolar, embora considerem mudada a forma de vê-la e interpretá-la. No dizer de Berman, “aqueles que estão à espera do final da era moderna, deverão aguardar um tempo interminável” (BERMAN, 1986: 330).

Contrapondo-se a essa posição, Bauman é adepto da ideia de ruptura, adotando inicialmente a designação de “pós-modernidade” que posteriormente, aprimora para a percepção de “liquidez” que vai opor à solidez do passado.

Nessa linha de pensamento ao considerarem-se os conceitos “sólido e líquido” por Bauman, nota-se uma aproximação com o pensamento de Berman sobre o tema já que ambos usam os conceitos “sólido” e “líquido” em suas obras. Berman, ao contrário de Bauman, enfatiza como conceitos de solidez que o sólido também pode sofrer alterações. Os autores se diferenciam na medida em que para Bauman, os valores fundados na Idade Moderna são permanentes e imutáveis e pertencem ao passado; mas no que ele chamou primeiramente de pós-modernidade, houve alterações profundas, marcadas pelos novos pressupostos da vida moderna. Para Bauman, somente a metáfora da liquidez se compara a esse processo da transformação, ao contrário de Berman que utiliza a definição de solidez para caracterizar a sua permanência. Segundo Berman, no decorrer da história, se o novo poderia trazer a perspectiva de aventura e progresso, poderia também desencadear a perda do que já havia sido alcançado, confirmando o paradoxo da experiência moderna. Para ele, “aqueles que estão à espera do final da era moderna deverão aguardar um tempo interminável” (BERMAN, 1986: 330).

Há, também, um distanciamento entre os três autores na ênfase dada aos processos que desencadearam a modernidade nos tempos atuais. Berman, da força ao papel do modernismo, da modernização e da ciência, das artes e das demais atividades humanas. Enquanto que, Giddens se apoia nos avanços dos fatores econômicos e do consumo para chegar à globalização espacial e social da comunidade mundial. Por seu lado, Bauman, em seu conceito de liquidez, vê o mundo contemporâneo a partir da rapidez das transformações das relações entre as pessoas e de sua capacidade de adaptação.

Os conceitos de reflexividade, liquidez e solidez utilizadas pelos autores, para pensar e analisar o contexto atual são referências para as possibilidades na construção de uma realidade constantemente em reformulação.

Neste mundo moderno ou pós-moderno, fluido, globalizado, incompreensível cria corpo outra forma de vivenciar a juventude que faz parte desse cotidiano que a abriga. Na verdade, a juventude é parte fundamental da estrutura social e da socialização, apesar das suas contradições. E mais do que isso, ela é o momento em que as pessoas e grupos desenvolvem concepções próprias de vida que questionam valores sociais em vez de optarem pela acomodação. Assim pode-se dizer, citando Groppo, que ela é “um importante portal para compreender a própria sociedade em seu todo” (GROPPO, 2004: 21). Portanto, quando se fala de juventude como categoria é porque algo de comum nela se explica. Assim, conhecer como isso é posto em prática é o desafio a ser enfrentado nos próximos capítulos desta dissertação.

2 OS JOVENS NA HISTÓRIA: AS ANTIGAS FORMAS DE PERTENCIMENTO

A modernidade, por ser uma construção da história ocidental, na qual os homens passaram a viver novas formas de relação, que transformaram e transformam tudo à sua volta, foi tomada como referência na contextualização da temática da juventude, na medida que essa categoria social tomou corpo no momento em que se iniciou historicamente a modernidade, acompanhando-a até os dias atuais. Por esse motivo, as reflexões feitas sobre esse fenômeno proporcionam uma reflexão interessante sobre a relação entre o jovem e a sociedade, suas vivências sobre os outros indivíduos e consigo próprio. E também, de maneira inversa, sobre a relação da sociedade com ele em diferentes épocas e contextos.

Nesse sentido, estudos sobre a juventude tomaram como marco inicial o período histórico da modernidade, no qual localizam a criação do conceito do chamado *Fenômeno Juvenil* que, por conta da sua complexidade e das suas múltiplas configurações, vêm marcando profundamente, as sociedades humanas. Desenvolvendo essa reflexão, alguns autores[21] como Ariès, Levi e Schimtt, Groppo, Grossman, Morin, Sousa, em áreas a sociologia, a antropologia, a geografia e a psicologia[22] dedicaram-se e dedicam-se a estudos sobre a juventude que também fazem parte do terreno da pesquisa historiográfica em países do mundo ocidental (LEVI & SCHIMTT 1996: 10).

---

[21]Sobre esse tema podemos citar as contribuições de autores como: ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. GROPPO, L A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. LEVI, G. & SCHMITT, J-C. (orgs). **História dos jovens I: da antiguidade a era moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995 _____ (orgs). **História dos jovens II: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. MORIN, E. **Cultura de massas do século XX:** o espírito do tempo II: necrose. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006. SOUSA, J. **Apresentação do Dossiê:** A sociedade vista pelas gerações. Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política, Florianópolis: v. 5 n. 8. 2006.

[22] Segundo Novaes, a despeito das tentativas de delimitar essa categoria, muitas são as dificuldades enfrentadas, pelo fato de se partir das imprecisões das diferentes áreas da ciência que a definem com base em seus próprios critérios. Para a sociologia, a juventude é uma das fases do ciclo de vida, com suas mudanças psicológicas e seus papéis sociais. Já, ao se tomar a antropologia como fonte verifica-se que há sociedades em que não se considera a existência da juventude. A passagem da infância para a idade adulta é feita por uma cerimônia ritualística que define a época de transição e condiciona a mudança de postura ou visão de mundo do homem. Na área da geografia humana e populacional, o jovem é um indivíduo que pertence a uma determinada faixa etária; mas por outro lado, se os fatores como classe, gênero e etnia, entre outros, forem considerados, a fase pode ser segmentada. Por assim dizer, pode-se considerar a juventude através de uma complexidade variável; os jovens podem apresentar diversidade de grupos, atitudes, comportamentos, gostos, valores e filosofia de vida que marcam o indivíduo como ser único apesar das características comuns com outros jovens (NOVAES, 2007: 7).

Segundo Levi e Schimtt, o tema juventude é um objeto de estudo relativamente controverso e algumas das considerações feitas sobre ele tornam-se importantes para aqueles que desejam compreendê-la. Na concepção desses autores, a juventude é uma construção social e cultural, e "em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros valores". Nesse aspecto, considerar a questão da transitoriedade é fundamental para compreendê-la já que não se é jovem, se está jovem, pois "pertencer à determinada faixa etária representa para cada indivíduo uma condição provisória. Mais apropriadamente, os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam" (LEVI & SCHIMTT 1996: 9, 10, 14).

Já Sousa (2006) considera que, ser jovem é viver um "contato original" com a herança social e cultural, em conformidade com o resultado dos fatores biológicos. Para essa autora, a juventude seria também a responsável pelas mudanças no meio em que vive o jovem já que ele tem acesso às vivências dos seus antecessores e ao mesmo tempo, à disponibilidade do porvir. Sousa ainda pontua que a saúde, educação, transporte, infraestrutura e políticas habitacionais podem interferir significativamente nas relações estabelecidas por essa faixa etária (SOUSA, 2006: 9, 12).

Finalmente, conforme Groppo, a juventude:

> É uma categoria que opera tanto no imaginário social, quanto é um dos elementos "estruturante" das redes de sociabilidade. De modo análogo a estruturação da sociedade em classes, a modernização também criou grupos etários homogêneos, categorias etárias que orientam o comportamento social, entre elas, a juventude (GROPPO, 2004: 11).

Assim, para a maioria dos estudiosos do tema, seria mais correto falar em "juventudes", levando-se em conta as peculiaridades e a diversidade sociocultural apresentada por esse grupo (LEVI & SCHMITT, 1996: 14). Uma breve retrospectiva da história dos jovens poderia estabelecer alguns parâmetros que facilitariam uma análise dessa fase muito significativa da existência humana. O início pela pré-modernidade justifica-se pela necessidade sentida de investigar as formas de juventude que estiveram presentes na história desde tempos remotos.

2.1 A PRÉ-MODERNIDADE

Voltando aos tempos anteriores à modernidade ocidental, nas sociedades clássicas, a juventude pode ser entendida segundo as maneiras de se viver, ou, o grupo social no qual o indivíduo está inserido. Grossman analisa a Grécia Antiga, ressaltando as virtudes cívicas e militares que faziam parte das prioridades para a preparação dos jovens espartanos que, ao completarem 16 anos, já podiam falar nas assembleias. A maioridade civil era atingida aos 18 anos, ocasião em que eram inscritos nos registros públicos da cidade e aos 20 anos era-lhes imposto à preparação paramilitar, visto que nesse sistema, a educação tinha como finalidade, as virtudes cívicas e militares. A vida era organizada em função de um modelo a ser seguido: a figura do homem maduro que educa e dirige serviria ao jovem como guia e seu iniciador. Da mesma forma, a juventude ateniense, além das escolas tinha em casa um preceptor, escravo destinado aos cuidados de inspirar à sabedoria e afastar o jovem do mal. A preparação moral e religiosa tinha duração de dois anos para o pleno exercício dos direitos e deveres de cidadão (GROSSMAN, 1998: 68).

Para o autor, o desenvolvimento físico e moral das crianças e jovens gregos era muito valorizado; faziam da ginástica uma das principais obrigações de moços e moças já que elas também se exercitavam para, no futuro, serem mães saudáveis. Casavam-se precocemente e esse era um período de preparação para os afazeres da vida adulta: no caso do sexo masculino, a guerra ou a política e, para uma minoria mais abastada, havia a possibilidade de se dedicar aos estudos, já que não havia a necessidade da sua força de trabalho.

Para os filósofos gregos o domínio do raciocínio era uma das características próprias dessa idade; mas os jovens também poderiam ser apaixonados, irascíveis e capazes de ser levados por seus impulsos; seu aspecto mais importante estava na habilidade para fazer escolhas e na autodeterminação.

Ao pensar a juventude no mundo romano, Fraschett considera que “puer” era o indivíduo até os 15 anos, a *adulescentia* ficava entre os 15 e os 30 anos e na *juventa* dos 35 aos 40 anos. Esse estabelecimento das etapas da vida se justificaria pelo exercício do *patrio poder*, que dava aos pais plenos poderes sobre todas as fases da vida dos filhos, para evidenciar a continuação da sua submissão. Por outro viés, a entrada no mundo jovem, na sociedade romana, acontecia a partir do rito de passagem simbolizado pela troca da toga *praetexta* da infância pela toga viril, da

iniciação sexual masculina, que ocorria por volta dos 15 e 16 anos que lhe dava pleno direito enquanto cidadão livre para atuar no Capitólio e no Fórum (FRASCHETT, 1996:71). Sobre as meninas, Grossman afirma que, aos 12 anos estavam aptas para o casamento e para a maternidade. Antes do serviço militar, o jovem adquiria conhecimentos de direito, da prática pública e eloquência, uma espécie de aprendizagem para a vida adulta. Porém, não existia uma idade para maioridade legal, ficando a cargo do pai a decisão de considerá-los adultos (GROSSMAN, 1998: 69). No entanto, Groppo lembra que:

> Não são todas as sociedades, porém que criam grupos sociais a partir destas "fases da vida" ou de categorias etárias. Na maior parte das sociedades pré-modernas, a tendência é a mistura de idades dentro de grupos heterogêneos (em geral, de parentesco, ou assemelhados), como a sociedade medieval analisada por Philippe Ariès (1981) (GROPPO, 2004: 12).

Adentrando a Idade Média europeia, percebe-se que a concepção de juventude não era nem uniforme e nem imóvel, e estava relacionada com uma espécie de subdivisão associada às quatro estações da natureza; a juventude medieval estava correlacionada com o verão – momento das tempestades e do calor (PASTOUREAU, 1996: 17). Entretanto, segundo Souza e Homet em um segundo sistema de classificação social, privilegiava-se a idade: as delimitações começavam a assumir características etárias, definidas como: infância (de 0 a 7 anos), puberdade (de 8 a 13 anos), adolescência (de 14 a 21 anos) e juventude (de 22 a 30anos), uma classificação que provinha da cultura erudita e clerical, cujas fronteiras eram bastante flexíveis. A ideia de fases, ou idades da vida, começou a ser delimitada pela observação das diferentes formas de assistência necessárias ao cuidado, sustento e abrigo dos indivíduos e suas funções sociais (SOUZA & HOMET, apud SCHOEN-FERREIRA & AZNAR-FARIAS, 2010: 229). De acordo com os estudos registrados, as crianças e adolescentes nesse período eram considerados adultos em miniatura, necessitando apenas crescer e mudar nos aspectos físicos e mentais da espécie humana. Devido à situação de fome, miséria, tragédias e a falta de saneamento básico vividos pelas pessoas da Idade Média, a taxa de mortalidade infantil era muito alta. Dessa forma, assim que a criança superava o período de alto risco de mortalidade era misturada com os mais velhos e ia aprendendo as tarefas, crenças e valores que seriam solicitados quando se tornassem adultos. Os papéis, tanto de gênero quanto profissional, eram

determinados pela comunidade (GARROD & COLS, apud SCHOEN-FERREIRA & AZNAR-FARIAS 2010: 229 & GROSSMAN, 1998: 70).

Uma característica marcante da juventude nas circunstâncias da Idade Média, para Pavan-Crouzet, era a daquele grupo de pessoas que “devia ser naturalmente regulado”: eram os critérios morais que davam uma definição do jovem. Considerava-se que ele era movido por “paixões”; era frequentemente associado à desordem, ou pela forma como aparece no cenário social, sendo sinônimo daquela classe que oferece divertimento à sociedade. Diferente da visão clássica, a juventude não era mais vista como um período de preparação para a vida adulta. A partir daí, a juventude passou a ser relacionada à liberdade e à violência que se encerrava com o casamento e o acesso à herança; o “jovem” era relacionado a uma integração socioeconômica incompleta e somente sua mudança de posição no interior da linhagem familiar poderia fazê-lo mudar de estatuto (PAVAN-CROUZET, 1996: 195). Nesse aspecto, é importante considerar que apenas aos 40 anos os homens podiam participar dos cargos políticos, porque esta fase representava o fim da idade dos perigos, entendendo-se que tanto as transformações biológicas quanto as sociais eram acompanhadas por uma mudança nos processos psicológicos, incluindo o desenvolvimento da capacidade de pensar com lógica e responsabilidade.

Com base nas pesquisas de Philippe Ariès, verifica-se que, no período medieval, na maioria das famílias pobres, as casas eram verdadeiros depósitos de crianças e jovens que trabalhavam nas lavouras ou nos serviços domésticos. A família era numerosa e muitas vezes formada por tios, tias, avós ou primos, todos vivendo sobre o mesmo teto. Como a economia feudal era baseada na terra e na agricultura, todos trabalhavam juntos para um bem-comum (ARIÈS, 1981: 156). Os jovens ainda poderiam ter acesso a uma profissão, através das “Corporações de Ofício”, como aprendizes, que não recebiam salário. Geralmente eram parentes e moravam com o mestre; ou trabalhavam como jornaleiros, que já haviam terminado o período de aprendizagem e recebiam um salário.

Por seu lado, os estudos de Grossman esclarecem que a Igreja também influenciou o modo de pensar e o comportamento do jovem na Idade Média. Como a educação era para poucos; alguns mosteiros criaram escolas onde se educavam crianças até os 15 anos, independente da classe social; mas o destaque era para a escolástica, corrente de atividades intelectuais, artísticas e filosóficas, refletida na

criação das universidades e na ascensão da classe letrada. Na verdade, tanto as escolas episcopais, que sugiram mais tarde nas cidades, como as escolas monásticas já existentes nos mosteiros, visavam à formação do clero ou ainda, de leigos instruídos para a vida civil. Assim, grande parte da juventude que não dispunha de mobilidade social, passava a viver nos mosteiros, como única opção de aprimoramento pessoal e intelectual, e tornava-se responsável pela proteção espiritual da sociedade que, na sua maioria, era analfabeta e não tinha acesso aos livros.

Porém, nem só de deveres viviam os jovens nesses tempos; o lazer servia como importante componente para os conflitos e tensões, característicos dessa fase da vida, e tanto nobres quanto camponeses tinham momentos de diversão. A dança e a música eram as principais formas de expressão dessa idade.

No final desse período, principalmente nas regiões da Inglaterra e da França estouraram revoltas camponesas, muitas vezes lideradas por jovens, para combater a exploração dos senhores feudais. Essa camada da sociedade, que dava seus primeiros passos, foi corresponsável por conquistas e mudanças profundas no cenário do século XV (SCHOEN-FERREIRA & AZNAR-FARIAS, 2010: 234).

2.2 OS JOVENS NA MODERNIDADE

A Idade Moderna foi marcada pelo fenômeno de mudança na Europa Ocidental de uma economia basicamente agrária para as primeiras formas de trocas financeiras. Esse processo da transição do feudalismo para o capitalismo foi modificando, além do campo econômico e político, também os valores e ideias, a arte e a tecnologia da sociedade europeia num processo longo e amplo. É nesse contexto que Bauman, Berman e Giddens, apesar das suas particularidades, situam o início das grandes transformações que modificaram o mundo ocidental, a era da modernidade.

Nesse contexto de renovação, surgiu uma nova camada social: a burguesia comercial que enriqueceu e dinamizou a economia no final da Idade Média. Em busca de segurança, os burgueses construíram habitações protegidas por muros, os burgos que, com o passar do tempo, deram origem a várias cidades – o renascimento urbano significou maiores oportunidades de trabalho. Assim, muitos

habitantes, principalmente a camada jovem da zona rural, deixaram o campo para buscar melhores condições de vida nas cidades.

No campo cultural, o Renascimento Europeu trouxe um retorno dos modelos clássicos nas artes e novas concepções científicas e filosóficas que passaram a valorizar o homem, a natureza e a razão. Foi também nessa época, com a unificação dos Estados Nacionais e a centralização monárquica, que houve uma maior interferência dos poderes constituídos sobre a família e a sociedade em geral.

Tratava-se de uma organização em que, as vivências eram restritas, com demarcações definidas e poucas trocas entre si (GIDDENS, 1991: 14). Nela estava ausente uma definição clara entre infância e juventude, embora a juventude pudesse ser vista através dos seus ritos e culturas coletivas (ARIÈS, 1993: 26).

Segundo Ariès, os dois primeiros séculos da Idade Moderna, na visão dos mais velhos, o termo “juventude” era usado no coletivo para todos aqueles que ainda não assumiam suas responsabilidades na comunidade. Existia uma consciência do que seria a fase juvenil, um período diferenciado, de transição, na qual o indivíduo iria se familiarizando com as normas da vida adulta. Dessa forma, não havia, como hoje, a subdivisão etária, tornando-se vago o momento do início da juventude, enquanto o final poderia ser o contrato de casamento, mas também a condição de assumir a sua própria subsistência. Entende-se que a demarcação de duração da juventude não se estabelecia por normas rígidas de idade, mas por comportamentos próprios desses grupos como ações noturnas, jogos e brincadeiras (ARIÈS, 1993: 36).

Nessa época, a religião e a educação começaram a estabelecer novas formas de cuidados e atenção aos jovens com relação aos preceitos morais. A escola tornou-se uma instituição essencial à sociedade. Nas práticas escolares, não havia a distinção de classes e nem a separação de alunos por faixas etárias, sendo que a população escolar oscilava entre os 10 e 25 anos (SCHOEN-FERREIRA & AZNAR-FARIAS, 2010: 229, 230).

Assim, como já visto, não existia o conceito de adolescência, apesar de os jovens, além das festas, reuniões e protestos, também se organizassem em sociedades temporárias, exclusivamente masculinas, nas vilas e bairros.

Foi a partir o século XVIII que se começou a pensar em adolescência e na juventude e a relacioná-las à sociedade em que viviam. A educação começou a fazer parte desse período da história ocidental que se caracterizou por diversas

transformações socioculturais e intelectuais que encontraram sua culminância no Iluminismo, nas ideias de Rousseau e no contexto de desenvolvimento da sociedade industrial capitalista. Nessa época, a educação passou a ser uma instituição funcional para o estabelecimento da “ordem”. A escola ficou incumbida de universalizar os “valores de interesse comum”, utilizados para a integração social. Na escola, se ordenava e planificava a “cultura universal”, transmitida aos alunos dentro de uma atmosfera de rotina e previsibilidade, típica da modernidade (BAUMAN, 1987: 100, 108, 116).

Analisando a temática da juventude, Grossman, citando Rousseau, coloca a adolescência como um período de instabilidade e conflito emocional, na qual tanto as mudanças biológicas quanto as sociais interfeririam no processo psicológico, incluindo a capacidade de pensar com lógica. Por acreditar que o raciocínio se desenvolvia na adolescência, Rousseau aconselhava que a educação continuasse após os doze anos (GROSSMAN, apud SCHOEN-FERREIRA & AZNAR-FARIAS, 2010: 229). Já para Berman, a questão do raciocínio, é vista por Rousseau a partir da ideia de que a atmosfera moderna levava as pessoas ao aturdimento e à impossibilidade de raciocinarem corretamente (BERMAN, 1986: 18). Considerando ainda, o conceito do autor sobre a modernidade, como um mundo ordenado em que “tudo que estava sólido se desmanchava no ar”, com a intenção de se erguerem novas estruturas ainda mais duráveis no lugar daquelas que caíam em ruínas, a educação, nesse aspecto, seria para a vida toda. Bauman complementa esse pensamento, quando esclarece que se tratava de um processo, que indiferente às novidades e à “desordem”, apresentava-se com perspectivas de longa duração.

Assim, as instituições educacionais passaram a ser visualizadas a partir da atividade voltada para a entrega de um produto, com uma “marca”, que poderia ser consumido para sempre. A educação correspondia ao seu tempo de duração e a escola, como instituição, tinha qualidade na medida em que fornecia esse conhecimento como um bem durável, estruturado e adaptável aos interesses do “mundo sólido”. De acordo com Bauman, “os filósofos da educação da era sólido-moderna, viam os professores como lançadores de mísseis balísticos e os instruíam sobre como garantir que seus produtos permanecessem estritamente no curso predeterminado pelo impulso original” (BAUMAN, 2007: 154). Dessa forma, de acordo com o autor, o modo humano de estar no mundo dependia do processo de educação – aprendizagem – e da capacidade das pessoas se ajustarem ao formato

desse mundo, que permanecia em sua crença, “o mesmo o tempo todo” e não podia ser desafiado (BAUMAN, 2013: 18,19).

Por outro lado, Schindler discorre longamente sobre a essência combativa da juventude, causa de revoltas e conflitos com as autoridades, fenômeno que percorreu toda a Idade Moderna. O comportamento dos jovens no meio rural distinguia-se daqueles da cidade pelos meios utilizados, mas não pelos sentimentos que os motivava (SCHINDLER, 1996: 198)

O autor lembra ainda que a importância da Igreja católica na repressão desses movimentos porque, enquanto as autoridades eclesiásticas procuravam impor seus projetos disciplinares, os jovens defendiam a auto definição da cultura da aldeia com ideias de vanguarda; sendo difícil, porém, acreditar que esse comportamento, muitas vezes violento, fosse aprovado por toda a comunidade. No conjunto da comunidade, esses jovens representavam fatores de transtorno e insegurança, fazendo com que se adotasse uma postura de afastamento por parte dos adultos e se definissem espaços reservados, com maior liberdade aos mais moços. Isso porque a juventude era considerada como uma fase passageira e, consequentemente, tratada com tolerância pela comunidade, ao mesmo tempo em que era interessante que ela fosse representante das reivindicações dos mais velhos.

> Em suma, havia um consenso de que fossem os jovens a fazer a representação social da comunidade, e é aí que se deve buscar a motivação mais profunda que levava os adultos a confiar a eles certas funções de ordem que eles próprios não conseguiriam executar com a mesma convicção. (SCHINDLER, 1996: 293)

Dessa forma, até o início do século XIX, os adultos continuaram acobertando as ações juvenis. Nesse novo século, porém, criou-se na sociedade uma redefinição dos papeis sociais, tanto por influência do fortalecimento político dos Estados, como pelo avanço da industrialização e da técnica. É, no entanto, uma sociedade em que, para Berman, os indivíduos ainda tinham a lembrança de viver em um ambiente que não era totalmente moderno, sentindo-se simultaneamente em dois mundos (BERMAN, 1986: 17)

Em contrapartida, Groppo, ao fazer uma análise dialética do fenômeno da juventude, vê o crescimento populacional como fator que fez com que as pessoas se tornassem mais isoladas e distantes umas das outras. Houve também mudanças na

relação entre pais e filhos e o investimento crescente no filho, como futuro da família e também como objeto de amor. Essas transformações, aliadas à adoção do sistema educacional obrigatório, fez com que a juventude fosse melhor observada pelos educadores, primeiramente, e pela sociedade em geral. A criança passou a ser identificada como pessoa e a infância como o momento privilegiado da vida. A adolescência foi delineada com mais precisão, sendo estabelecido marcos inicial e final para essa etapa. A partir de então, a juventude pode ser vista como "uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres" (GROPPO, 2004: 11).

Por outro lado, de acordo com Luzzato, descobriu-se que a conduta do jovem poderia ser muito mais favorável à ordem do que às revoluções, não sendo tão grande no número de adeptos dessa etapa da vida àqueles movimentos. Apesar disso, a juventude ainda era considerada com desconfiança, pois o desenvolvimento urbano e industrial tornaram mais difícil controlá-la e a sociedade adiou o momento em que os jovens assumiriam responsabilidades políticas e sociais (LUZZATO, 1996: 196). Em meados do século XIX, teve igualmente início o interesse médico voltado à juventude em decorrência da preocupação com o amadurecimento dos processos biológicos e pelas manifestações decorrentes de seu comportamento e de suas transformações sexuais.

Começou então a haver uma demarcação definida entre infância e juventude por volta dos 14 anos. No entanto, essa determinação teria que levar em consideração as condições relacionadas ao ambiente social em que o jovem estava inserido, variando o período e o tempo destinado a sua formação (SCHINDLER, 1996: 271). Groppo sugere considerar-se, a esse respeito, o fenômeno da "cronologização do curso da vida", citando Ariès, quando este afirma que a classe de idade e as classes sociais são categorias que emergem em conjunto na história moderna (GROPPO, 2004: 17).

Assim sendo, foi apenas nos séculos XIX e XX que as transformações, sociais, demográficas e culturais promoveram o estabelecimento da adolescência como uma fase distinta do desenvolvimento humano. A partir dessa época, a área da psicologia iniciou seus estudos científicos sobre a adolescência, entendendo que se tratava de uma fase basicamente biológica, marcada, no entanto, pelo aumento do estresse e pela emotividade, necessitando assim de maior atenção e pesquisa (GROSSMAN, 1998: 71).

A primeira metade dos novecentos foi marcada pelas grandes guerras, período bastante significativo para os adolescentes e jovens. Antes das duas guerras mundiais segundo Groppo, a literatura considerava a indolência, indisciplina e a preguiça como característica do adolescente, mas nos anos seguintes, levou-se em conta a importância do seu trabalho para os padrões conservadores da sociedade.

Segundo Grossman a partir da década de 50, viveu-se um momento de expressiva ascensão de uma consciência etária na qual se delineou melhor a ideia de juventude, o que acentuaria a oposição entre os grupos jovens e os não jovens. As práticas transgressivas da juventude, em geral, ganharam notoriedade e as expressões “rebeldes sem causa” ou “juventude transviada” buscavam caracterizá-la. Esse comportamento social que, em outras fases da vida, seria considerado anormal, na adolescência era tido como esperado e até aceitável. Essa década chegou ao fim com uma geração de jovens que vivia em um clima de euforia consumista gerada nos anos do pós-guerra sob a influência da cultura norte-americana: a partir daí, desencadearam-se grandes modificações no comportamento jovem. Criou-se um estilo diferente de mobilização e contestação social, a contracultura, um movimento de mudança das suas características de vida e da sua maneira de pensar. Era a ideia de se viver a vida ao máximo, quebrando as regras existentes. Por sua vez, outros atributos foram conferidos aos jovens: rebeldia, displicência, mas também, acarretaram um novo sentido de liberdade (GROSSMAN, 1998: 72, 73).

Trata-se do que Bauman caracterizou como a “opção de escolha”. Nessa época o indivíduo tornou-se livre para escolher, tendo, porém, que assumir as consequências das suas decisões. Essa “emancipação”, segundo o autor, passou a conquistar espaços que anteriormente eram ocupados por fortes valores “sólidos” ligados ao capitalismo industrial, caracterizado pela ordem e previsibilidade, que foram dissolvidos numa sociedade de consumo e na condição de liberdade de escolhas individuais, principalmente a de ser diferente (BAUMAN, 2001: 98).

Tal atmosfera propiciou vários momentos de contestação: de um lado o movimento hippie, com a filosofia das transgressões sexuais e sociais, e por outro os movimentos políticos universitários estudantis, como o de maio de 1968. Isso não significa, para Groppo, que todos os adolescentes pudessem ser enquadrados nesses grupos, o que seria muito simples. Estudos recentes analisam essa fase do

desenvolvimento humano como condições perpassadas pelas condições de raça, sexo, posição social, situação econômica, contexto cultural e características individuais são todos estudos realizados sobre esse período de transformações que abrem espaço para a compreensão dessa nova juventude que é a dos tempos atuais (GROPPO, 2004:15).

2.3 O JOVEM NA CONTEMPORANEIDADE

Se, conforme Groppo, nos séculos XIX e XX enquanto os efeitos sociais negativos do capitalismo industrial iam avançando, impondo uma visão de "juventude" desregrada, viciada, promíscua, indisciplinada e delinquente, na contemporaneidade, a situação se repete quando, o avanço do capitalismo "flexível" gera o desemprego, a desorganização social e ecológica e traz novamente a preocupação com a juventude. Os jovens de hoje convivem com essa realidade de desemprego, desigualdades sociais e econômicas e com a falta de perspectiva na qual os valores fornecidos pela família, a igreja e a comunidade não têm mais força de sustentação (GROPPO, 2004: 10).

Por seu lado, a concepção de juventude na atualidade, ao considerar-se as faixas etárias, permanece nos mesmos patamares. Para a Organização Mundial da Saúde OMS a juventude encontra-se entre 15 e 24 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (2007) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2007). Segundo a legislação atual a adolescência tem início aos 15 anos e perdura até os 18, quando começa a juventude, que, do ponto de vista legal, não tem um tempo certo para terminar – pode ser entre os 25 e 29 anos (Estatuto da Juventude – Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013). Ela é considerada uma fase na qual ainda não se assumem as responsabilidades dos adultos. Para tanto, entende-se que os indivíduos dessa faixa de idade, necessitam de um tempo maior para iniciar o cumprimento das suas obrigações. Sendo assim, o casamento é adiado, a emancipação é mais tardia, ocorrem os nascimentos fora do casamento e ampliam-se as relações de convivência sem laços de parentesco (SCHOEN-FERREIRA & AZNAR-FARIAS 2010: 231, 232).

Com essa constatação, entende-se que a juventude não tem, necessariamente, um tempo institucionalizado no percurso de vida, adotando-se uma concepção mais relativista a seu respeito. Segundo Groppo, considera-se a

juventude como “um estilo de vida”, como uma “forma de ser”, como “estado de espírito”, que todos, independentemente da sua idade, podem – e devem – assumir” (GROPPO, 2004: 18). Assim, a contemporaneidade traz a superação dos modelos homogêneos da juventude que marcaram a modernidade e abre espaço para “a convivência de espacialidades e temporalidades heterogêneas, bem como a diversidade de juventudes e dos modos de viver a condição juvenil” (GROPPO, 2010: 22). Na atualidade, a juventude é considerada pela maneira como é vivida e também como é percebida pelos outros. Ou seja, “ser jovem, aparentar, sentir-se jovem, são características valorizadas pela sociedade” sem que se perceba a superficialidade dessa representação (NASCIMENTO & SILVA, 2011: 6).

Portanto, o sentido atual de juventude, além das formas peculiares de agir ou atuar, valoriza também a maneira como esta é percebida pelo grupo social. Assim sendo, a busca por aparentar e manter-se jovem, tornou-se prioridade nos padrões da sociedade atual que, invariavelmente, privilegia a permanência dessa fase da vida, valorizada pelas pessoas de maneira superficial, segundo as aparências (NASCIMENTO & SILVA, 2011:6).

Percebe-se, a partir dessas particularidades, que a linha de tempo cronológica que até então estabelecia as particularidades biológicas do curso da vida, já não são mais válidas, cabendo a cada indivíduo ou grupo social reenquadrar-se particularmente. Trata-se da “desinstitucionalização do curso da vida” (KOHLI & MEYER, apud GROPPO, 2000: 18).

Assim, além das mudanças biológicas comuns à juventude, ela também é inserida sociologicamente em um mundo com novos hábitos, costumes e sistemas de valores que apesar de comuns aos adultos, para eles tornam-se bastante desafiadores. Segundo Mannheim, na linguagem da sociologia, “ser jovem significa, sobretudo ser um homem marginal, em muitos aspectos um estranho ao grupo”. O fato da juventude não aceitar como natural a ordem consagrada e não possuir interesses de ordem econômica ou espiritual a torna especial para a sociedade (MANNHEIM, 1961: 41, 42).

Citando Mannheim, Foracchi reforça a ideia de que as experiências e as situações vividas e enfrentadas na adolescência tornaram-se os fundamentos sociais para a compreensão adulta do mundo. Isso significa que as diferentes fases da vida não passam de eternos questionamentos desses princípios em nós mesmos

e nos outros, respondendo assim, pela continuidade das gerações (FORACCHI, 1972: 21).

Acrescente-se que, principalmente nas últimas décadas, teve início, em todo planeta, um novo período de integração dos indivíduos jovens entre si, em função do crescimento do mercado de consumo juvenil, da propaganda e da produção cultural.

De acordo com Bauman, a juventude tornou-se “um novo mercado a ser explorado”, fundamental à demanda de consumo e à manutenção do crescimento econômico que “por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida” e a ação maciça das novas tecnologias da mídia, procura inserir os jovens “num mundo de consumo em massa” como nunca visto na história (BAUMAN, 2012: 52, 53).

Em contrapartida, além do consumo, as formas de comunicação têm agido para a massificação dos jovens. Entendida como um grupo que privilegia o contato físico ou relação pessoal, a juventude tem-se identificado e lidado com novas formas de interagir, gerando novos comportamentos e entendimentos, na sociedade contemporânea: as comunidades de relacionamentos, bate-papo *online*, *chats*, fóruns, *e-mails* e outras mídias, como os celulares ultramodernos, que proporcionam o acesso instantâneo e a provisão de maior tempo conectado a rede.

Assim, a internet se tornou uma extensão do cotidiano, não sendo possível conceber suas atividades separadas do auxílio dos instrumentos interativos que possibilitam a todos, principalmente aos jovens, a construção de realidades sociais, onde cada um percebe, interpreta e define informações, objetos ou outros indivíduos a partir de sua própria visão da realidade. Esse fenômeno contemporâneo abriu portais de interação que propiciam uma metamorfose no processo de comunicação e de construção do conhecimento**.**

Para Groppo, essa situação cria uma realidade na qual os indivíduos jovens pensam e agem de modo idêntico, mesmo ocupando diferentes espaços. A união desses grupos pelas universidades massificadas, pelo mercado de consumo e pelas redes sociais produz identidades próprias, que os grupos sociais e políticos buscam institucionalizar e/ou incorporar.

A contestação das autoridades institucionalizadas é geralmente feita por elementos que lideram os movimentos, mesmo que haja setores mais conservadores dentro dessa juventude. De modo geral, o que se pode dizer a respeito da juventude na contemporaneidade, é que todos vivem uma relação

experimental a respeito dos valores da sociedade e suas instituições, já que, pela primeira vez, o jovem tem contato com esses valores, mesmo que seja para rejeitá-los (MANNHEIM & FORACCHI, apud GROPPO, 2004:16).

Todos esses jovens que se encontram na mesma circunstância de experiência no contexto da modernidade, são também aqueles que têm condição de se revoltar contra a institucionalização que lhe é induzida por várias instituições tais como o “Estado, agências oficiais de socialização, direito ciências, saberes disciplinares, partidos, igrejas, indústria cultural, movimentos sociais, etc.” (GROPPO, 2004:17).

Na sociedade contemporânea, o repertório cultural deixou de ser transmitido somente pelas instituições tradicionais e passou por novas matrizes que passaram a desempenhar diferentes modalidades educativas e socializadoras. Por sua vez, a família, adotou esses novos hábitos culturais, seus valores, costumes e modos de vida, dificultando a definição do que seria a cultura e qual o papel da escola na sua transmissão. A falta de homogeneidade cultural e a quebra da hegemonia da escola para a sua manutenção geraram novas experiências de socialização que sustentadas pelas novas tecnologias da comunicação e da informação auxiliaram a diversificada formação cultural dos jovens. (DAYRELL, apud DOULA, 2013: 306).

O processo educacional tornou-se impensável de qualquer outra forma que não seja como prática, crítica e eternamente inconclusa, visto que “o único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar” (BAUMAN, 2013: 25). A cultura atual, baseada na novidade e o consumismo que caracteriza os processos de individualização não visa o acúmulo de conhecimento. Os tipos de habilidades necessárias ao sistema produtivo da contemporaneidade, não exige um conjunto de aprendizagens sistemáticas e de longo prazo.

A rotina é desaconselhada, a formação educacional e profissional em curto prazo exige flexibilidade, em substituição à “educação para vida toda”, visto que ela não atende mais a necessidade da constante atualização, da informação profissional, cada vez mais associada à regra, à eficiência, à competitividade, às múltiplas competências e à alta criatividade. Nas palavras de Bauman, somente uma “revolução cultural” pode funcionar (BAUMAN, 2013, 31).

Em um tempo em que agrande maioria, estudantes e professores, têm acesso aos meios de comunicação de massa e tecnológicos, no qual as últimas ideias da

ciência estão ao alcance de todos e que o acesso ao conhecimento independe da posse de um título, é quase impossível afirmar, que a escola ainda mantêm a posse do saber. De acordo com Bauman, a cultura líquido-moderna, não compreende mais a aprendizagem de acumulação, e sim, uma “cultura de desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento” (BAUMAN, 2013:36).

Dentro desses novos parâmetros e sendo contra os valores instituídos, a juventude de hoje tende a vivenciar o presente, a espontaneidade e a ação imediata; em contrapartida, desvaloriza a experiência acumulada que é apanágio das pessoas adultas. Para Groppo, tal atitude não significa irresponsabilidade, mas que a própria experimentação se, por um lado, desacredita a experiência acumulada, por outro, é fator indispensável das mudanças sociais. A posição de Giddens completa o pensamento de Groppo, esclarecendo que se a tradição foi a responsável pelas mudanças trazidas pela modernidade, integrando e organizando a ação tempo-espacial das experiências do passado, presente e futuro, estruturando as práticas sociais, por outro lado, as experiências passadas tem que ser reinventadas a cada nova geração (GIDDENS, 1991:23,24).

Dessa forma, um dos grandes problemas da busca da autonomia juvenil seria a independência total desses grupos, diante de uma sociedade permissiva em relação a eles que valorizaria a construção desse mundo próprio, em função do consumo e da indústria cultural.

Essa atitude de agrupamento e de construção de uma identidade própria, ainda conforme Groppo, seria uma resposta à massificação da sociedade à complexificação e à volatividade social da atualidade, quando os indivíduos buscam refúgio em uma nova identidade e nos pequenos grupos afetivos. Uma aparente contradição com a globalização proporcionada pelas novas tecnologias.

Em suma, a juventude ainda é um elemento básico das relações sociais, embora ela se encontre numa situação contraditória entre aceitar os valores vigentes e o desejo de independência em seu processo de socialização. Nesse aspecto, é possível recorrer ao conceito de “reflexividade”, de Giddens, lembrando que, a tradição racionalizada evita choques entre os diferentes valores e modos de vida, articulando os grupos sociais de forma que o pensamento e a ação apresentem uma constante resistência entre si, mantendo o papel da tradição na vida cotidiana (GIDDENS, 1991:38).

Na verdade, a juventude é parte fundamental da estrutura social e da socialização, apesar das suas contradições. E mais do que isso, ela é o momento em que as pessoas e grupos desenvolvem concepções próprias de vida, que questionam valores sociais em vez de optarem pela acomodação. Assim pode-se dizer, citando Groppo, que ela é “um importante portal para compreender a própria sociedade em seu todo” (GROPPO, 2004: 21).

Nessa perspectiva, para além das questões teóricas, que se mostraram de enorme pertinência no entendimento do contexto histórico da juventude no decorrer da modernidade até os dias de hoje, o novo capítulo que se pretende apresentar, relaciona-se ao ponto de encontro entre a análise teórica e a realidade através de uma investigação empírica, com participantes do coletivo juvenil de uma instituição de ensino na cidade de Curitiba.

3 VIVENDO NA CONTEMPORANEIDADE

As reflexões trazidas por Bauman, Berman e Giddens sobre a modernidade e a sociedade contemporânea – juntamente com a análise desenvolvida sobre a juventude como uma categoria que percorre os âmbitos biológico, social, histórico e cultural – motivaram uma pesquisa que buscou relacionar as vivências de professores e alunos em função do momento de modernidade líquida em que vivem, bem como a consolidação e prolongamento da juventude como fase de vida e condição social.

Considerando todas as transformações descritas pelos autores estudados sobre a sociedade atual, como a flexibilização, o imediatismo, a fluidez, a globalização, a rapidez, e a extraterritorialidade, configurando a chamada "pós-modernidade" ou "modernidade tardia", é válido analisar como os jovens pertencentes ao núcleo de ensino superior das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba se apropriam de tais mudanças.

A partir das entrevistas, foram extraídas algumas categorias de análise que nortearão a estruturação do presente capítulo: urgência do tempo; acesso à maturidade; estabelecimento das relações sociais; aquisição de valores e presença de transgressões – circunstâncias vivenciadas por esses jovens no seu cotidiano. O tempo, por ser fator recorrente em todos os depoimentos e pela abrangência desse conceito para a compreensão das vivências na sociedade contemporânea; maturidade pela tentativa de superação, entre os entrevistados, como moratória social desenvolvida por Groppo; as relações pessoais e interpessoais, como processo social construtivo das vivências jovens em questão, com a sociedade em geral; os valores, como estruturação do juízo moral e da conduta individual desses jovens, frente às situações socioculturais da atualidade; as transgressões como fator previsível e natural aos experimentalismos próprios da sua condição juvenil.

A informatização não ocupou separadamente uma categoria de análise, pois perpassou todos os demais itens da entrevista, mostrando que as tecnologias são constantes nas práticas formativas desses jovens.

3.1 CORRENDO CONTRA O TEMPO

Zygmunt Bauman fala longamente sobre a instantaneidade do tempo e sua influência sobre a forma como as pessoas lidam com seus afazeres e seu cotidiano. É o que ele chama de “vida instantânea” em que não há fixação nem de tempo, nem de espaço. Para sua tese da modernidade líquida, o fator tempo é extremamente importante, já que, “descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas”. Assim, o tempo se torna flexível e a relação entre tempo e espaço se faz variável, trazendo aos homens o acesso a uma velocidade até então impensável. Essa situação leva a um processo de individualização que traz a todos a responsabilidade de conduzir a sua vida de forma responsável (BAUMAN, 2001: 8, 40, 41).

A premência do tempo mais leve e o peso das responsabilidades a serem assumidas é um fator determinante na sociedade contemporânea e deixa suas marcas em todos os seus segmentos, independentemente de sexo, idade ou condição de vida.

Os jovens entrevistados das Faculdades Santa Cruz de Curitiba espelham essa situação ao descreverem seu dia a dia. Na fala de F. F. F[23], 20 anos, solteira e estudante do curso de Pedagogia, a expressão “correndinho” parece ser uma forma amena de referir-se a sua maneira de agir para dar conta da quantidade de atividades que, de modo geral, fazem parte da vida moderna e metropolitana:

> Meu dia é bem corrido, levanto de manhã e venho para a faculdade, saio daqui “correndinho”, vou para casa, almoço e vou direto para o meu trabalho. Trabalho até 17h20, daí vou para casa, é quando tenho meu horário de lazer, para descansar, ficar conversando com a minha família e fazer os trabalhos que preciso (ENTREVISTA: F. F. F. 13/11/2013).

A partir do relato acima, percebe-se que a identificação do tempo está mais relacionada à quantidade de atividades realizadas do que necessariamente ao tempo cronológico, o que segundo Bauman, vem caracterizar a vivência do imediato, fragilizando a noção que o tempo dá às experiências desses jovens. O sentido de viver o tempo presente para Bauman é que “ser moderno passou a significar, como

---

[23] F. F. F. concluiu a Educação básica no Colégio Benedicto João Cordeiro, em Curitiba. Seus avós concluíram as séries iniciais do Ensino Fundamental (antigo Primário). Seu pai concluiu o 2º Grau e a mãe o 1º grau (Ensino Fundamental). Os pais trabalham na Iniciativa privada, ele como motorista e ela no controle de qualidade em costura. A renda familiar atinge a faixa de 4 (quatro) salários mínimos nacionais.

significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado" (Bauman, 2001:37). Nesse caso, não são só as mulheres que sentem a pressão do tempo líquido, mas também os jovens quando descrevem suas inúmeras tarefas, caso do depoimento de J. V. V[24], 24 anos, formado em sistemas da informação por essa mesma Instituição de ensino:

> O meu dia é bem corrido. Eu acordo cedo para ir, às vezes, à academia, depois volto para casa tomo banho, entro no trabalho às 9h00, meu dia de trabalho é bem corrido, eu tenho muitas obrigações [...] Mas, depois que saio de lá eu procuro me desligar e viver a vida (ENTREVISTA: J. V. V. 13/11/2013).

Interessante notar que o entrevistado em toda a sua fala utiliza a primeira pessoa do plural, o mesmo acontecendo com a jovem A. F[25], 22 anos, cursando o 6º período de pedagogia, que usa constantemente a expressão "a gente" recorrendo ambos a uma forma genérica que evita a individualização. Cabe aqui a interrogação sobre o papel da fluidez e da emergência da contemporaneidade sobre o reconhecimento que os indivíduos possam fazer de si e da forma como administram suas vidas.

Nesse sentido, fica evidente também, nesses depoimentos, a urgência que todos sentem diante de suas variadas e múltiplas tarefas cotidianas. É interessante notar que lançam mão, quase univocamente de estratégias de controle, executadas na forma de planejamentos e programações. Essa necessidade explica o relato de R. S. O[26] de 21 anos, casada e estudante de direito.

> De manhã eu venho para a aula e a tarde eu trabalho. Eu me programo, anoto tudo o que faço. Na semana de provas faço eu um cronograma de

---

[24] J. V. V. completou o processo de Educação Básica no Colégio Estadual Professor Cleto em Curitiba. Seu pai, gerente administrativo, concluiu o ensino médio e sua mãe, gerente comercial, é formada no curso de Administração de Empresas em uma Instituição particular de ensino de Curitiba. A renda familiar encontra-se na faixa de 10 (dez) salários mínimos nacionais, podendo variar visto que a mãe tem participação nos lucros da empresa contratante.

[25] A. F. conclui a Educação Básica na Instituição de ensino Sagrada Família na cidade de Campo Largo, PR. Seus avós paternos eram agricultores, foram apenas alfabetizados e os avós maternos terminaram o Ensino Fundamental. Sua mãe possui habilitação de 2º grau para o exercício do Magistério e o pai possui o ensino médio. Ambos aposentados em suas profissões possuem uma renda familiar de seis a sete salários nacionais.

[26] R. S. O. finalizou o ensino médio no Colégio Estadual Carmelo Perrone em Cascavel PR. Seus avós paternos tiveram escolarização mínima, para a alfabetização e os avós maternos concluíram as séries iniciais do Ensino Fundamental (antigo Primário). Seu pai é funcionário público e concluiu o ensino médio. Sua mãe é dona de casa e possui o 1º grau incompleto. A renda familiar encontra-se na faixa de 4 (quatro) salários mínimos nacionais.

> quantas horas eu preciso estudar cada matéria. Sou extremamente organizada, anoto tudo. Senão eu não dou conta de tudo. No dia a dia, no começo de semestre é mais sossegado. Mas semana de provas eu me isolo, não saio, não falo com ninguém, assisto pouca TV, porque se eu cumprir o meu cronograma de estudos, eu fico livre. Eu planejo tudo. E procuro não deixar matéria acumular. Porque sei que depois não dou conta (ENTREVISTA: R. S. O. 25/10/2013).

Por seu lado, J. V. V., embora se diga desligado das particularidades do tempo e das tarefas – "deixa a vida me levar" – não foge da premência do tempo e dos seus afazeres pessoais.

> Não programo! Ele vai acontecendo, no meu trabalho há imprevistos. Deixa a vida me levar. Mas, às vezes não ter programação atrapalha, porque quando, por conta da exigência do trabalho, que em algumas ocasiões me faz estender o horário, preciso fazer alguma atividade fora do trabalho e não estou programado para isso, eu preciso desmarcar alguns compromissos ou avisar no trabalho, que preciso sair para resolver algo fora. Penso que isso atrapalha. Se eu me programasse melhor eu executaria de maneira mais eficiente as "coisas" da minha vida, tanto no trabalho quanto na vida pessoal (ENTREVISTA: J. V. V. 13/11/2013. Grifos da autora).

A condição exposta pelos jovens estudantes em relação as suas possibilidades futuras lembra o estado de incerteza mencionado por Giddens que pode e deve ser resolvido a partir de uma atitude de confiança frente aos riscos que a vida moderna possa apresentar (GIDDENS, 1991: 41). A solução possível parece ser unicamente a de enfrentar as incertezas por meio de uma adesão aos modos mais tradicionais das sociedades passadas, negando a pretendida extensão da adolescência que seria característica das culturas modernas (GROPPO, 2004: 232).

Esse fato comprova que a delimitação das etapas de desenvolvimento – crescimento e envelhecimento – são socialmente definidos, indiferenciando o ciclo biológico da existência dos seres vivos ou da realidade social, que propicia a variabilidade das formas pelos quais a juventude é concebida e vivida.

Nesse aspecto, hoje em dia, a juventude está na moda, ela se constrói no âmbito de significados, de ideais, algo que se definiu como um estilo de vida. Esse pensamento se evidência nas palavras de D. P. M, 40 anos, professora – cujo depoimento trouxe posição contrastante com os entrevistados mais jovens – quando questionada a respeito das suas vivências, principalmente com o filho de 22 anos:

> [...] eu não encaro a minha idade ainda. Porque pensei que fosse chegar aos 40 anos parecendo uma senhora, mas cheguei e não estou parecendo senhora. Eu sinto profissionalmente o peso de ter 40 anos e ter uma carreira. Mas em casa não. Eu continuo sendo a mãe dele, que é uma menina, que gosta de fazer as coisas. Que gosta de ir viajar, de pôr o mochilão nas costas e ir acampar, que gosta de fazer churrasco e de música eletrônica. Talvez eu seja mais próxima dele por causa disso (ENTREVISTA: D. P. M. 13/11/2013. Grifo da autora).

É a questão da "eterna juventude" que explica a reprivatização do curso de vida e da questão do "tempo" enfatizado por Bauman quando trata da instantaneidade que,

> [...] "faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento – por mais breve e "fugaz" que seja", marcando assim, as diversas fases e atividades de vida das pessoas (BAUMAN, 2001: 145).

Estas pertencem a construções sociais em que o tempo e o processo biológico são elaborados simbolicamente e definem as fronteiras entre as idades que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades.

3.2 TORNAR-SE ADULTO

Ao estabelecer sua concepção dialética de "juventudes", Groopo considerou as variáveis da condição econômica e de vida social e cultural que fazem parte das situações do cotidiano, ou seja, que não acontecem isoladamente, mas estão presentes na vida dos grupos juvenis. (GROPPO, 2004: 15)

Nesse sentido, além da idade como elemento biológico e como diferencial nessa categoria, encontra-se a condição sociocultural, bastante relevante, pois relaciona o jovem de diferentes realidades com situações particulares, tais como a moratória que lhe poderia ser eventualmente concedida pelo conjunto da sociedade.

> [...] Erikson (1987) falava da juventude como período coroado pela definição de uma identidade adulta, como uma moratória social em que os indivíduos poderiam e deveriam ensaiar diversos papeis, em busca de sua própria personalidade estável e consolidada [...] (ERIKSON 1987, apud GROPPO, 2010:15).

De acordo com Groppo, a juventude como objeto de moratória social, viveria um período de vida, na qual não haveria necessidade da cobrança da entrada na vida profissional. Seria um tempo em que o jovem desenvolveria suas habilidades e

competências educativas e culturais para mais tarde, assumir responsabilidades da vida adulta.

Por outro lado, assim como existe a juventude como “direito social”, a “experimentação” seria o lado positivo do modelo da moratória juvenil, fundamental na condição dessa faixa etária na realidade moderna, ou contemporânea. “Trata-se da possibilidade da juventude ser vivida, nos termos de Marialice Foracchi (1972), inspirada em Mannheim (1961), como uma vinculação experimental com a realidade e os valores vigentes” (FORACCHI; MANNHEIM, apud GROPPO 2004:15).

Assim, quando se trata de jovens de categorias sociais popular ou média, a situação se modifica como aconteceu com a clientela das Faculdades Santa Cruz composta, na sua maioria, por jovens que necessitam da inserção no mercado de trabalho antes de concluírem sua formação superior e até como forma de custeá-la. O acesso ao ensino superior nessa instituição corresponde à pressão exercida por diferentes segmentos da sociedade: mulheres jovens, casadas, mães que já não se satisfazem com o certificado de nível básico ou jovens de famílias sem tradição em ensino superior, ou ainda, pessoas já inseridas no mercado de trabalho, com mais idade, em busca de uma melhor qualificação profissional, fazendo com que a clientela seja bastante diversificada.

Analisando, porém, o perfil dos estudantes dos diferentes cursos, percebe-se que se caracterizam por condições bastante semelhantes do ponto de vista econômico. Os estudantes, que não moram nas imediações das faculdades, são moradores de bairros próximos ou vêm das cidades metropolitanas de Curitiba e na sua maioria utilizam o transporte público para o deslocamento. Esse é o caso do jovem F. W. K[27], 21 anos, solteiro, que frequenta o curso de Administração dessa instituição e já trabalha na área, na Rede bancária local. No final da sua jornada diária de trabalho, faz o trajeto de volta para casa de ônibus, momento, que ele aproveita para estudar quando tem provas (ENTREVISTA: F. W. K. 05/12/2013).

Verificou-se também, que em algumas circunstâncias, no caso da F. F. F de 20 anos, professora regente de uma instituição particular de Ensino fundamental, a

---

[27] O jovem F. W. K. frequentou a Instituição de ensino da rede privada Madre Clélia em Curitiba até a conclusão do Ensino Médio. Seus avós, maternos e paternos, imigrantes alemães e japoneses, não concluíram o primeiro grau. O pai é formado em Nutrição e aposentou-se como empresário da iniciativa privada. A mãe terminou o ensino médio e sempre foi do lar. Sua renda familiar encontra-se na faixa de 10 (dez) ou mais salários mínimos nacionais.

inserção no trabalho teve início aos 15 anos, na fase da adolescência, tempo que, de acordo com Groppo, seria reservado para a preparação e escolha do futuro profissional, desenvolvimento social e pessoal de capacidades e ajustes para os papéis adultos. “Sim, dou aula para o terceiro ano, é “bem puxado”. Mas vou administrando. [...] Agora eu consigo administrar bem o meu tempo, como já faz quatro anos que estou nesta rotina, eu já acostumei” (ENTREVISTA: F. F. F. 13/11/2013. Grifo da autora).

Para esses jovens, trabalhar é um projeto que se faz necessário desde muito cedo. Nesse aspecto, são diversas as circunstâncias nas quais eles não vivem a “moratória social”, ingressando precocemente na vida adulta.

A entrevista de R. S. O, por exemplo, corresponde à realidade de muitos estudantes que, por necessidades imediatas, precisam contribuir para a geração de recursos ou ainda para a manutenção do grupo familiar. Por outro lado, traz uma realidade particular, a constituição familiar a partir do casamento, ainda na adolescência, exigindo da estudante que se torne apta à maturidade social e emocional, bem como adquira a experiência e a habilidade para assumir o papel do adulto conforme os padrões culturais do local ao qual pertence. Nesse caso, ela se percebe e é percebida, como adulta, modificada, principalmente pela condição de estar casada.

> À noite, às vezes, eu dou uma olhada na matéria que tive durante o dia, porque à tarde eu tenho que trabalhar. Eu sou casada, não tenho filhos, mas tenho casa, roupa, marido, família, cachorro. Então se não anotar e não me programar, não dou conta. No sábado é faxina da casa e geralmente no domingo fica para a diversão (ENTREVISTA: R. S. O. 25/10/2013).

Da mesma forma, a visão de J. V. V quando fala do futuro e das experiências que o tornam mais maduro, o planejamento de uma relação afetiva mais séria e estável e a necessidade de assumir responsabilidades frente as suas escolhas.

> **Tudo isso faz com que me torne homem.** Saí do mundo de um moleque que não tinha não tinha preocupações. No meu trabalho e com a vida que estou levando estou me tornando um homem porque estou adquirindo responsabilidade. Vou pensar em constituir família, ter minha casa. Eu penso em um “amanhã”, Acho que assim vai se adquirindo responsabilidade, fazendo planejamentos, não apenas gastar tudo o que ganha e só curtir o momento. Até porque, “já” tenho 24 anos e preciso de planos futuros (ENTREVISTA: J. V. V. 13/11/2013. Grifo da autora).

Na contemporaneidade, as vivências socioculturais que deram significado ao comportamento e atitudes atribuídos à juventude mostram uma visão positiva dos jovens em relação a si mesmos e às suas vidas na atualidade. O trabalho é parte constituinte de suas experiências, e ser apenas estudante é privilégio de poucos, sendo uma opção que não faz parte do universo de significações deles. Na fala de R. S. O, a realidade é essa e a tarefa é se adaptar da melhor forma, aumentando as chances de sucesso.

> Faço planos a curto, médio e longo prazo. O que é possível conseguir já é em curto prazo, o que vai demorar um pouco mais a meta é em médio prazo, mas há aqueles que demoram mais. Por exemplo, a minha carreira, vai demorar até me estabilizar. O começo da carreira é difícil, que tem passar pelo exame da Ordem dos Advogados do Brasil. Tem gente que "viaja". Sei que milhões de bacharéis em direito se formam por ano. Por isso eu tento tirar ótimas notas, para me destacar, para ser um diferencial. Tem muitas pessoas nesta área, mas o mercado nunca estará saturado, sempre haverá um lugar ao sol para todos. Mas "você", tem que se destacar, tem que ser diferente para que as pessoas lhe enxerguem diferente (ENTREVISTA: R. S. O. 25/10/2013).

Entre as dificuldades e incertezas sofridas pelos jovens, sabe-se, eles estão preocupados com o futuro. No geral, tem a educação como um valor, tanto em termos de promoção pessoal, quanto de melhoria nas condições de concorrer a uma vaga no mercado de trabalho. Isso ficou claro na maioria das entrevistas efetuadas, assim como da B. N. C[28], 20 anos, solteira, aluna do 4º período na área de Pedagogia e exerce o cargo de auxiliar em duas turmas da Educação Infantil no Colégio Medianeira, instituição tradicional de educação privada de Curitiba.

> A "gente" tem que ter sonhos, mas acho que não adianta querer atropelar as coisas. A "gente" tem que conseguir as coisas uma de cada vez e não pode passar por cima dos outros. Meu foco principal é me formar, depois continuar estudando, porque eu quero fazer psicologia, mais a diante. No momento é o que eu penso. Não quero comprar uma casa.... (ENTREVISTA: J. V. V. 13/11/2013)

Dentro desse mesmo raciocínio, não houve menção de que possa haver um sentimento negativo desses jovens para com o mercado de trabalho, toda

---

[28] B. N. C completou a educação básica no Colégio Estadual Paulo Leminski em Curitiba. Seus avós, maternos e paternos não concluíram o 1º grau. O pai é comerciante autônomo, a mãe trabalha para a iniciativa privada e ambos não completaram o 1º grau. A renda familiar encontra-se na faixa de 3 (três) salários mínimos nacionais. B. N. C. é o único caso no qual os pais são divorciados.

argumentação foi construída no sentido do que fazer no mundo que se apresenta agora, não no que fazer para mudá-lo.

A partir da análise feita até aqui, com esse grupo de jovens, pode-se dizer que a concepção de juventude na contemporaneidade se assemelha muito mais com o desenvolvimento humano do que como estágio preparatório para a vida adulta (GROPPO, 2010:14). Trata-se da preparação do indivíduo na formação de sujeito social, para assumir papéis interiorizando valores, normas e comportamentos. É tempo da continuidade social, que pode se realizar ou não.

3.3 RELAÇÕES COM OS OUTROS E CONSIGO MESMO

A pesquisa em questão traz à tona, a condição óbvia do jovem como ser que ama, sofre, se diverte, tem desejos e aspirações e mesmo que inconscientemente, pensa a respeito das suas práticas de vida, caso da jovem F. F. F. que fala das suas relações, posicionando-se a partir das convivências que trava com seus iguais.

É necessário esclarecer que a questão dos pertencimentos dessa juventude nos tempos de hoje, tem implicações em uma série de questionamentos sobre os mais variados ambientes onde convive e com uma multiplicidade de tipos de comportamentos que dificilmente nos permite estabelecer um padrão. Mesmo aqueles indivíduos introspectivos podem encontrar nos meios virtuais, formas infinitas de se expressarem e interagirem em situações que permitem uma experiência imaginária próxima da realidade presencial. Esse novo referencial de espaço desloca as identidades desses atores sociais agregando-lhes novos valores. A comunicação que tradicionalmente acontecia de um para todos agora é de muitos para muitos. Referindo-se as suas relações de amizade, F. F. F. combina comunicação virtual, tempo e contato com os amigos:

> [...] O celular é um vício. Eu uso bastante, até para conversar com os outros. Porque tudo é meio corrido, às vezes só temos esse meio para conversar. [...] Devido à correria há amigos com os quais a gente não tem tempo de conversar; só mesmo pelas redes sociais, porque todos têm seus compromissos (ENTREVISTA: F. F. F, 13/11/2013).

Os relacionamentos são essenciais para a construção da condição humana, mas, na atualidade, ficam muitas vezes dispersos por conta dos afazeres ao longo do dia, pautados geralmente nos hábitos. As relações são constantes, mas talvez não haja tempo ou sensibilidade suficiente para serem completamente vivenciadas,

ou para se saber como acontecem e nem qual o impacto que os comportamentos em si podem causar nas relações, podendo aproximar ou afastar; unir ou desagregar. Giddens explica esse fenômeno como uma espécie de desorientação que atinge os sujeitos nas organizações sociais, como se fossem dominados por eventos que não compreendem totalmente e que parecem estar fora de seu controle (GIDDENS, 1991:14).

Nesse processo, as pessoas vão se construindo como sujeitos: o individual se apropria do social para dar sentido ao seu próprio mundo.

Bauman concorda com essa perspectiva, mas acrescenta que, na atualidade, passa a ser normal o isolamento que traz a incerteza e a individuação, ou seja, "os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos na solidão" (BAUMAN, 2001: 170). Essa situação é percebida na forma como J. V. V relata sua forma de conviver e de se relacionar com as pessoas:

> Procuro não ficar muito tempo no celular, mas envio mensagens e faço ligações no horário de almoço. Procuro sempre fazer contato com quem eu gosto. **Geralmente as pessoas não respondem, mas sei que é porque elas também têm suas obrigações. Isso já não me incomoda mais, fico bem tranquilo** (ENTREVISTA: J. V. V. 13/11/2013. Grifo da autora).

Assim, as rápidas mudanças da vida contemporânea e a fragilidade e vulnerabilidade das referências e dos laços socioculturais trazem como consequência a dificuldade de viver nessa realidade, nas suas múltiplas relações de valores, afetos e perspectivas, principalmente no meio urbano.

É fato que essa fluidez, constante, transforma a maneira de se olhar a realidade através do espaço virtual. Assim, os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais os indivíduos se institucionalizam e se socializam. Esse novo referencial de espaço possui um tipo de sociabilidade própria, provocando impacto na relação entre os seres humanos. A Internet traz consigo uma série de fatores que influenciam no comportamento e na adoção de determinadas posturas dos adolescentes**.**

Dessa forma, a relação com "o outro", pessoa a pessoa, se torna cada vez mais difícil em meio a tantos afazeres e pela insegurança e individualismo que inconscientemente, passaram a ser normais no dia a dia das pessoas. Por outro lado, assim como no relato da jovem R. S. O. ainda há interesse por novas oportunidades de intensificar a convivência e as trocas de experiências pessoais e

afetivas, retomando aspectos implícitos do passado no período que Bauman denominou de modernidade sólida e que, atualmente, apresentam diferentes configurações.

> Eu ao contrário, sou do contato físico, se eu preciso ver uma pessoa ou falar com ela, eu vou à sua casa ou ela vem à minha casa. Ou falo pelo telefone, que eu falo pelos cotovelos. Não fico nas redes sociais, eu gosto de "ver" as pessoas (ENTREVISTA: R. S. O. 25/10/2013).

O grande desafio hoje parece ser o de viver a continuidade, a partir de uma experiência de tempo que possibilite passar pela variedade e pela mudança sem se perder. Nas escolhas dos jovens fica claro que apesar dos novos processos de globalização, as vivências dos hábitos tradicionais se perpetuam, como no depoimento de F. W. K, que apesar de não participar de nenhum grupo de relações virtuais se considera bem atualizado em relação às tecnologias, e ainda mantém os mesmos vínculos adquiridos no decorrer da sua vida, os amigos de infância, do colégio e os que sempre moraram próximos a sua casa (ENTREVISTA: F. W. K. 05/12/2013).

Entende-se assim, que as relações e a necessidade de participar, de interagir, de se expressar, continuam fazendo parte das vivências dos jovens na contemporaneidade.

Para Bauman, a passagem da modernidade sólida para a líquida demarca a transformação no âmbito social, criando novas formas de vida, mais impessoais como maneira de compatibilizar seus valores individuais isentando-se dos possíveis problemas, que passam a ser percebidos através do "outro":

> Não sou de me esmerar para fazer rapidamente os trabalhos, faço sempre na última hora. [...] Se a meninas não disserem o que é para eu fazer ou pesquisar eu não faço. Eu pergunto uma ou duas vezes o que tenho para fazer, depois não pergunto mais e também não faço. Se não quiserem colocar o meu nome eu faço sozinha. [...] Aqui sou diferente das meninas da faculdade, porque elas são mais velhas e se preocupam mais e tem mais responsabilidade, pelo menos elas acham isso. (ENTREVISTA: E. S. P[29]. 13/11/2013).

---

[29] E. S. P. Concluiu a educação básica no colégio estadual professor Júlio Mesquita em Curitiba. Seus avós paternos sempre moraram no interior e foram apenas alfabetizados e os avós maternos não concluiram as séries iniciais do ensino fundamental. Sua mãe completou o ensino médio e o pai possui o 1º grau completo, ambos trabalham no comércio. A renda familiar de 4 (quatro) a 5 (cinco) salários nacionais.

Com a modernidade líquida se altera, ao mesmo tempo, a imagem simbólica que os jovens têm de si e a que a sociedade tem deles, fazendo com que alguns jovens se sintam diferentes por fugir ao padrão estabelecido, como é o caso de R. S. O, que assumiu a contribuição precoce do comportamento adulto pela via do casamento:

> Eu me sinto diferente! Bem Diferente! Porque, eu tenho 21 anos e já sou casada há 4 anos. As pessoas perguntam: Porque você casou? Porque hoje em dia as pessoas namoram muito mais, ninguém pensa em casar, querem curtir a vida, a night, a balada. Então já estou à parte! [...] Eu já sou bem mais pé no chão. Eu me casei, já tenho minha casa, já tenho meu patrimônio, quero construir o meu futuro, quero ter minha carreira. Me sinto diferente por isso. (ENTREVISTA: R. S. O. 25/10/2013).

Por outro lado, entende-se que os projetos de vida desenvolvidos pela juventude, ainda que particulares, adquirem sentido nas experiências socioculturais desses indivíduos, mediadas pelo tempo e espaço em diferentes pertencimentos, interações e oportunidades. Por isso, definir as vivências desses jovens pressupõe considerar suas variadas relações com os grupos de trabalho, educacionais, de gênero, na participação familiar em acordo com as condições materiais e culturais do meio ao qual pertencem. As experiências de E. S. P, nos seus 19 anos, possuem distintos valores e importância:

> Para me comunicar com as pessoas eu uso as redes sociais. Sou bem fácil de me relacionar com as pessoas. Mais com “meninos”, pois são mais sinceros, as “meninas” são falsas. Eu já fui assim: De ser sua amiga aqui e quando você virava as costas dizer: Ah! Que menina chata! Antes, quando eu chegava do colégio e ficava a tarde inteira nas redes sociais, levantava só para ir ao banheiro, nem comer comia, só se colocasse a comida em volta do computador. Se eu pudesse punha um “pinico” na cadeira para não levantar. Meu pai me “cortou”, agora é só uma hora por dia. Eu pensava: Mas se eu ficar sem facebook como vou falar com as pessoas? **Mas agora quando eu preciso falar com alguém e essa pessoa é “importante para mim”, eu tenho número e mando mensagem. Quem “eu preciso mesmo” sei onde mora, sei telefone, não preciso me comunicar pelo “face”. Os amigos “de verdade” eu tenho telefone** (ENTREVISTA: E. S. P.. 13/11/2013. Grifo do autor).

Nesse aspecto, apesar da facilidade com que se travam as convivências, pela variedade de formas de organização, os valores se modificam a partir do modo de “ser” com os outros e também com as ações de cada um, nas distintas formas de

pertencimento. É importante compreender as escolhas que definem um ou outro rumo na maneira de ser na sociedade contemporânea.

Considerando-se o intenso uso das novas tecnologias, pode-se observar que essa recente interatividade acontece simultaneamente em dois ambientes: o real e o virtual. De acordo com Lévy o virtual é mediado ou potencializado pela tecnologia; produto da externalização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos (LÉVY, 1996: 19).

A liberdade de escolha, por parte da juventude, tornou-se o diferencial para a configuração de suas relações mais íntimas. A família, apesar de todas as reformulações sofridas a partir da modernidade, ainda é o mais consistente núcleo de formação humana, como relata F. F. F, que lá encontra seu ponto de referência e assim como a maioria dos entrevistados, um suporte nos momentos de dificuldade, companhia e orientação. Isso fica claro pela forma com que se expressa:

> Eu sou muito família. Gosto muito de passar tempo com meu pai, minha mãe e meu irmão que é com quem eu convivo bastante. Nos finais de semana nós gostamos muito de sair. No final da tarde quando eu chego em casa, eles querem esse tempo só para a conversa. Eu tento não deixar esse lado prejudicado, por conta das coisas que tenho para fazer no tempo que estou com eles. [...] O final do dia , quando chego em casa, eu dedico a eles, porque são os únicos momentos em que podemos estar todos juntos (ENTREVISTA: F. F. F. 13/11/2013).

Esse sentimento de “pertença” e ao mesmo tempo a necessidade e a urgência de fazer escolhas, se adaptar e construir o próprio caminho, remete ao pensamento de Berman sobre a dualidade de sentimentos que envolve o sentido de “ser moderno”, de fazer parte de dois mundos:

> [...] é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas, em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos [...] ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia (BERMAN, 1986:15).

Portanto, segundo o autor, o ponto de partida é compreender que as vivências dos jovens são significadas em função das experiências socioculturais vividas e das interações interpessoais que eles estabelecem com o cotidiano.

Além da família e dos amigos, outros grupos de convivência também fazem parte do mundo juvenil e sua participação ativa, ou não, em um grupo é orientada, como já visto, por sua visão de mundo. Nos momentos de interação com eles,

verificou-se que a relação com as várias religiões faz parte das suas vivências, não só com a participação dos pais, mas também no estabelecimento de grupos de amizade. E. S. P, participa de um grupo de jovens da Igreja Católica, e o que chamou a atenção, considerando a irreverência das suas características, é que entre as coisas que mais gosta de fazer no fim de semana é ir à missa/igreja e trabalhar nos afazeres religiosos, esportivos e musicais desse núcleo. Falou entusiasmada sobre a "jovialidade" do Papa e do Encontro da Pastoral da Juventude da qual fez parte no Rio de Janeiro em 2013. Na fala de E. S. P : "[...] o Papa foi muito 'lindo', ele é 'muito fofo'. Eu sigo ele no '*face*', todo dia ele posta fotos, às vezes, abraçando um doente, ele não tem 'aquele nojo', 'aquele medo'. Ele é bem humilde, bem simples". (ENTREVISTA: E. S. P. 13/11/2013).

Dessa maneira, para alguns jovens, a religião continua sendo um dos parâmetros que responde e dirige situações de vida que se apresentam regulamentando as práticas individuais ou coletivas, pois influencia os indivíduos que aderem a essa proposta e mostram-se diferenciadas e variadas nas formas de crenças e integração frente ao contexto histórico e cultural dos seus seguidores. B. N. C, de vinte anos, estudante do curso de Pedagogia, tem sua orientação religiosa centrada nos preceitos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que segundo seu depoimento, possui teorias, ideias e práticas diferentes nas trocas diárias de interação social:

> Vejo que tem algum preconceito com os evangélicos. Porque não podem fazer algumas coisas que os católicos fazem. A minha religião não permite que vá à balada, não permite fazer várias coisas. As meninas, muitas vezes, me chamam para sair e eu digo que não posso porque minha Igreja não permite e aceito isso "numa boa" porque fui criada dentro da Igreja. Mas eu sinto que há algum preconceito. Essas crianças que eu auxilio na Igreja ainda não sofrem isso, porque são crianças e ainda não entendem isso. Depois dos 12 anos elas já começam...., porque as amizades influenciam muito. Mas eu não tenho nenhum problema com isso (ENTREVISTA B. N. C. 13/11/2013).

Aqui, vale lembrar que a condição juvenil, segundo Groppo, é o ponto de partida para se compreender as experiências que marcam a diversidade de modos da juventude participar e se construir nos grupos, com seus problemas, modelos e suas novas formas de sociabilidade. Os jovens se reconhecem e são reconhecidos, sua linguagem e formas de expressão parecem funcionar como signos ou modelos de organização que transmite uma mensagem para o resto da sociedade.

Nesse sentido, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, sobretudo, as mídias, o computador tornou-se um elemento central na vida e nas aprendizagens humanas, como também passou a ser um importante veículo de difusão na sociedade. As mudanças socioculturais, assim, criaram a necessidade de rever suas formas de aquisição de saberes. Torna-se relevante o comparativo entre as competências de formação dos jovens no passado e quais são, atualmente, necessárias para a constituição do sujeito contemporâneo (DEMO, 2008: 5). Assim, além de ultrapassar as limitações físicas, é importante que se busque desenvolver o senso crítico como na situação percebida por J. V. V. nas suas experiências midiáticas:

> Eu participo do *Instagram* e também do *facebook*. Mas não tenho participado muito do *facebook* porque é uma rede social que toma muito tempo e na qual as pessoas mostram o que elas não são [...] querem ostentar o que não são [...] mostrar que têm dinheiro, que saem, que curtem, mas quando se conhece a pessoa um pouquinho é possível saber que não é assim. Acho que elas tendem a mostrar mais do que elas têm (ENTREVISTA: J. V. V. 13/11/2013).

Os jovens como J. V.V. fazem parte das diversas redes de sociabilidade por variados motivos, mas invariavelmente começam por experimentação: em relações, concepções, desejos ou expectativas, que podem identificá-los ou não. A vivência grupal, seja na forma pessoal ou a partir de aparatos tecnológicos, torna-se, para os jovens, uma mediação com o mundo, reforçando ou descartando valores, verdades ou expressões culturais, estabelecidas ou veiculadas pelos meios de comunicação.

Portanto, os modelos tecnológicos presentes hoje, ou produzidos no passado com os meios do seu tempo, de alguma forma participaram ou influenciaram as transformações no modo como os indivíduos se organizam, produzem e vivem na contemporaneidade, pois como dito por Berman, “ser moderno é ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura” (BERMAN, 1986: 13, 14).

3.4 VALORES E TRANSGRESSÕES

Como visto, os jovens vivem o tempo presente e nele buscam formar sua personalidade fundamentada em valores que organizam seu ritmo de vida. São tempos de contratempos, onde as experiências são construídas, em grande parte, nas redes de relações e no significado da cultura coletiva, sujeita a modificar-se ao

longo do tempo. As primeiras formas de socialização a partir da infância se encontram na família, na escola e nos grupos de pares, que historicamente se tornaram responsáveis por transmitir um quadro de referências ou de valores dentro das relações recíprocas, oportunizando as aprendizagens sociais.

Segundo François Dubet, o termo mais apropriado para designar as transformações dos "modos de produção dos indivíduos" no contexto da sociedade atual.é “desinstitucionalização”. Isso porque uma instituição – escola, família, igreja – seria definida como o conjunto de papéis e valores que fabricam individualidades por meio da interiorização de seus princípios gerais. No que diz respeito à escola, Dubet acredita que ela não deve ser tomada, a rigor, como uma instituição, visto que "cada vez mais tem dificuldade em administrar as relações entre o interior e o exterior, entre o mundo escolar e o mundo juvenil” (DUBET, 1998: 28). Assim, os alunos teriam que construir individualmente o sentido de sua vivência sócio- cultural antes assegurada pela adesão aos lugares e papéis da institucionalização escolar.

Por outro lado, existem também outras formas de interferências, que se assemelham no ritmo acelerado de vida dos jovens. Uma versão temporária que oferece sensações e experiências que fazem parte da diversidade de situações experimentadas, como as descritas por F. F. F:

> [...] o celular faz parte a minha vida. Muitas vezes estou em casa conversando com eles (pais) e conversando no celular ao mesmo tempo. Minha mãe diz: “Larga um pouco esse celular menina”! Não consigo viver sem. Meu pai disse ontem: “Porque você dá risada para o telefone?” Porque a conversa está interessante! Então agora larga o aparelho e conversa só com a gente! Mas não dá, falo com todos ao mesmo tempo, mas logo está uma confusão na minha cabeça, de tanto que vou falando (ENTREVISTA: F. F. F. 13/11/2013).

Dessa forma, a condição juvenil traz consigo diferentes concepções e atitudes entre adultos e jovens. Nesse caminho, o jovem F. W. K. procura sua independência, mas encontra-se numa situação contraditória entre aceitar os valores de autoridade dos pais e o desejo de autonomia no processo de socialização, já que sua mãe assume uma postura mais tradicional na forma de pensar e agir, regulando os horários e saídas do filho durante a semana, muitas vezes causando atritos e descontentamentos para ambos (ENTREVISTA F. W. K. 05/12/2013).

Por conseguinte, a contemporaneidade oferece a superação dos modelos de juventude que marcaram os primeiros tempos da modernidade e abre espaço para novas formas de experimentação pela juventude (GROPPO, 2010: 22). A

“dependência” e a “autonomia” dos jovens em relação aos pais acontecem a partir da afirmação dos valores individuais e igualitários. Percebe-se que houve um rearranjo nas relações de autoridade e hierarquia, que de acordo com E. S. P, sugere “afinidade” no desempenho dos papéis e igualdade de ação a respeito das suas experiências de relacionamento com os pais:

> Agora (a relação) é boa, mas antes eu os via como uns chatos. Hoje os vejo como amigos, que sempre me alertam sobre algumas coisas da vida. Eu e meu pai somos muito da igreja, mas minha mãe não é, mesmo assim nos damos bem. Eu a vejo como amiga. Ela foi confiando mais em mim, e me deixando sair. **Eles se adaptaram ao meu jeito** (ENTREVISTA: E. S. P.. 13/11/2013. Grifo da autora).

Portanto, essa rearticulação dos vínculos com os jovens, faz com que os mais velhos, de certa forma, recuem do seu lugar de autoridade para um outro, ainda não definido completamente, mas que certamente assume uma forte influência democrática. Como lembra Giddens, as experiências passadas têm que ser reinventadas a cada nova geração, dessa forma elas perduram, porque sua essência está nas trocas de experiências da vida cotidiana (GIDDENS, 1991: 23,24).

Assim, os jovens passaram a promover as descontinuidades no convívio com o grupo e nos demais processos culturais. Um contraponto ao padrão corrente da juventude aparece na entrevista realizada com D. F. P, 32 anos, advogado, e professor universitário, porque os contextos de socialização dos jovens de hoje costuma ser diferente do contexto passado.

> A facilidade de comunicação faz que os jovens aprendam muito mais com seus colegas com a comunicação virtual do que com a própria família. Os pais trabalham muito mais, como eu também, que acabo durante a semana não tendo o tempo que deveria ter. Então os jovens tem muito mais contato com a televisão e com outros colegas a acabam agregando valores que não são os valores da sua família. São os valores dados por “terceiros”, que podem, muitas vezes, explorar essa ingenuidade e essa inocência de quem é jovem e conduzir esse jovem de uma forma que não seja própria ou indevida, se comparada à condução que eu daria para minhas filhas, por exemplo. É difícil! É sempre aquela situação: Já não há mais aqueles valores puramente familiares, mas valores coletivos e virtuais, e são desapegados, justamente por não ter essa questão familiar. Acaba prejudicando um pouco, especialmente para quem não tem pais que tomam esse cuidado de fiscalizar de uma forma mais devida atuação dos filhos (ENTREVISTA: D. F. P 05/12/2013).

Com base nos fatos decorrentes da influência da cultura contemporânea em todas as instâncias da vida em sociedade, pode-se afirmar que se vive um momento conflituoso, considerando que os valores do passado não solucionam os problemas

existentes, e os valores novos, ainda, não são consistentes o suficiente para atender às expectativas criadas pela juventude atual. E assim, a escolha se faz naturalmente: aprender a difícil arte de viver com a diferença ou produzir condições tais que façam desnecessário esse aprendizado. (BAUMAN, 2001: 204).

Compreende-se assim, que "os jovens ainda não têm os valores e comportamentos esperados como algo introjetado em sua personalidade e no modo de ser" (GROPPO, 2004:16). Quando se pensa em transgressão, violação, aparece a definição de passar além, infringir, atravessar ou violar uma norma, porém, a transgressão, no caso dos jovens entrevistados, surge muitas vezes apenas enquanto forma de lidar com a turbulência típica do desenvolvimento dessa fase.

Muitos dos problemas vividos na juventude devem ser considerados apenas enquanto formas "exploratórias", como na situação vivida por B. N. C, que contrariando preceitos da sua formação e motivada pela curiosidade em relação ao novo ou ao desconhecido, experimentou situações que para a grande maioria dos jovens, são consideradas normais e até necessárias ao desenvolvimento do indivíduo.

> Eu sou uma pessoa bem tranquila, não sou contra nada do que eles (outros jovens) façam, e não sou contra o que eu faço ou deixo de fazer. Eu não me sinto infeliz por não ir a uma balada e não deixo de andar com uma pessoa só porque ela vai às baladas. **Eu fui à baladas umas 3 ou 4 vezes, mas por eu ter nascido dentro da Igreja e desde pequena ter seguido a minha religião, não que tenha me sentido mal, fui para conhecer, conheci e agora já não tenho mais vontade de ir. É legal, as pessoas se divertem bastante, mas é bem diferente do que sou acostumada a viver dentro da Igreja.** As pessoas são bem agitadas, bebendo, aquela "ficação". Para mim foi bem diferente, mas é legal (ENTREVISTA B. N. C. 13/11/2013. Grifo do autor).

Assim, a transgressão juvenil pode depender de uma norma estabelecida, por algum ato social ou institucional que não implica; necessariamente em desrespeito a uma lei ou a uma autoridade.

De forma que, a adolescência e a juventude são caracterizadas como um período de instabilidade e desorganização, porém, isso não é regra, visto que a maioria dos jovens ultrapassa essas fases sem vivenciar dificuldades significativas no nível social, emocional ou comportamental. A intensidade das pressões ou da vulnerabilidade pelo qual passam esses jovens, como citado por E. S. P. é que pode influenciar a probabilidade de ocorrência do risco e da transgressão nessa fase da vida (SIMÕES, 2007: 17).

> Agora que sou “mais velha” eu me dou bem com a família, porque eles me tratam do “jeito que eu quero”. Eu gosto muito de sair, saio sexta e volto só segunda depois do trabalho, antes eles não me deixavam sair, diziam que eu era muito nova, eu achava um saco. Agora eles já confiam mais, vão viajar eu fico aqui sozinha, **e não apronto, porque antes eu aprontava. [...] eu saia escondido, dormia na casa de gente que eles não conheciam, levava “galera” em casa quando eles saiam.** Agora eles sabem, conhecem todos os meus amigos. Faço churrasco em casa, meus pais participam, eles gostam, porque sabem com que estou andando (ENTREVISTA: E. S. P.. 13/11/2013. Grifo do autor).

Segundo essa análise, fundamental mesmo, é descobrir o que afasta a maioria desses jovens da transgressão e do desvio, ao invés de encontrar o que os conduz a esse comportamento, uma vez que segundo Giddens, “ninguém consegue cumprir todas as regras existentes, tal como são e ninguém as consegue desrespeitar na sua totalidade” (GIDDENS, 1991,47). Os sujeitos naturalmente possuem tendências desviantes que são suprimidas ou não pelo compromisso estabelecido com as normas ou valores das suas instituições de formação.

A perspectiva de hoje, porém, é de uma sociedade que precisa negociar com a realidade midiatizada, na qual os jovens não dispõem de referências lineares e que muitas vezes tomam para si a busca da informação e formação, pautadas em grande medida, por seus interesses e desejos pessoais.

Com a superação das antigas formas de pertencimento social, geralmente determinados por raça, gênero, local de nascimento, família ou classe social, os indivíduos, principalmente os jovens, continuam na busca de encontrar novos grupos de vivências em novas formas de relação espaço-tempo e, os recursos tecnológicos tornaram-se um fator bastante estimulante para a concretização dessa nova condição social.

4 CONCLUSÃO

O caminho percorrido pelo estudo, iniciando-se com reflexões sobre o conceito de modernidade e passando por algumas considerações a respeito da ideia de juventude, notadamente a juventude contemporânea, teve seu ápice no capítulo final quando se pode avaliar a pertinência, ou não, da proposta inicial.

Assim sendo, foi possível constatar que os jovens do universo pesquisado não apresentam características da instabilidade dos dias atuais, um cenário que não prende o espaço nem fixa o tempo e associa-se à “leveza” e à inconstância das vivências de curto prazo, ao contrário, mantêm os vínculos tradicionais e procuram traçar seus próprios caminhos.

Foi possível também, associar as situações vividas pelo público pesquisado nessa investigação com a pretensa liberdade e autonomia dos sujeitos que enfrentam seus problemas com habilidade e recursos individuais, fortalecendo a “individualização” através das capacidades de escolha de cada um. O que mais chamou a atenção, no entanto, foi a constatação junto aos jovens entrevistados, da urgência na busca de aprisionar o “tempo” nessas vivências “líquidas”, onde os acontecimentos parecem estar sempre à frente, exigindo planejamento constante e flexibilidade por parte dos sujeitos, já que os eventos são cada vez mais rápidos e simultâneos, fazendo com que todos se movimentem nas suas multitarefas num desprendimento fluido. Assim, o que se tomou dessa condição foi o impacto que a globalização, pela lógica das tecnologias, vem causando na trajetória dos sujeitos contemporâneos.

Como observado, os projetos individuais dos jovens em análise são construídos a partir de uma história de vida e se transformam, pois fazem parte de um tempo, um espaço e uma sociedade que está suscetível às determinações vindas da ação do outro e da história que traz, ao mesmo tempo, as marcas do passado e as possibilidades do futuro. É por isso que Berman acredita que ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1986: 15).

Além disso, o avanço das tecnologias, da informatização, o advento das redes e os programas das mídias, tendem a favorecer outras formas de comunicação entre as pessoas, nessa sociedade fluida e impessoal.

Mas, o surpreendente foi que a pesquisa revelou aspectos não previstos na proposta inicial do estudo: ao contrário do que se pensa, a juventude em questão não vive cercada por relações virtuais e impessoais. Como se percebeu a partir da declaração de F. W. K, suas experiências no “mundo virtual” estão vinculadas a situações de relações emocionais, que conferem afetividade as suas ligações interpessoais e reais de relacionamentos:

> Tenho *facebook* e *instagram*. Na verdade a gente começa usando mais redes sociais*, watsapp, facebook* para reunir a “galera”, antes de ir para algum lugar, mas tem de maneira “pessoal.[...] A maioria é amigo que eu já havia feito antes das redes sociais, mas também tem bastante gente que conheci nas redes sociais. No *,watsa*pp tem o grupos de amigos que eu já conhecia, e a partir deles eu acabo conhecendo pessoas que eles conhecem. Eu acho isso legal e interessante. Muitas vezes eu nem iria conhecer a pessoa e por conta das redes sociais acabo conhecendo (ENTREVISTA: F. W. K. 05/12/2013).

Outra observação inusitada foi descobrir que, entre os entrevistados, os valores mais tradicionais continuam a ser transmitidos de geração a geração, sendo poucos os momentos de transgressão e revolta às normas vigentes, indo ao encontro ao que Giddens destaca quando considera, a tradição como “um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez são estruturados por práticas sociais recorrentes” (GIDDENS, 1991: 37).

Em função da vivência desses jovens, notou-se ainda que a maleabilidade dos representantes da autoridade como família e escola, tornou-os mais permeáveis às exigências da sociedade em relação às novas reivindicações da juventude. Essa orientação prevalece na educação em todos os níveis e traduz o fim da austeridade e distanciamento na relação desses jovens com os pais. A juventude assumiu outro papel, sem normas obrigatórias e com valores condicionais e negociáveis. O antigo código disciplinar, o estabelecimento de valores e do sentido moral, transmitidos através de regras impostas foi sendo substituída, pelo processo de trocas e companheirismo, tendência, como visto nesse estudo – da regulação do consumo, da informação, da educação e por consequência, dos costumes. As referências sociais nos relacionamentos de modo geral, passaram a ser comandadas pela cumplicidade, negociação, variedade de escolhas e principalmente, pela capacidade de “seduzir”.

Outro aspecto que merece ser considerado, junto aos estudantes, é a tentativa que fazem de superar a condição da juventude como socialização ou preparação para o trabalho, visto que, encontrando-se perante situações em que são motivados a assumir os valores do mercado de trabalho, ou seja, a competitividade, a criatividade, a flexibilidade – posturas necessárias para lidar com a urgência de assumirem as responsabilidades da vida adulta. Nesse sentido, a ideia de moratória juvenil desenvolvida por Groppo, não retrata, no caso em estudo, as constatações empíricas provenientes da atuação dos jovens alunos que têm o referencial do trabalho como central nas suas vidas, desde muito cedo.

Em suma, no contexto estudado, a hipótese inicial a respeito das experiências sociais dos jovens na contemporaneidade não se confirmou. Os jovens entrevistados não corresponderam totalmente às características juvenis da sociedade "líquido-reflexiva" – espaço e tempo em constante mudança, provisoriedade e individualização; tempo de liberdade, ao mesmo tempo, de insegurança – apesar disso, apresentaram um perfil bastante conservador em relação ao que os diversos autores estudados consideraram prerrogativas da modernidade e da juventude contemporânea. Durante as entrevistas, não foram observadas características de contestação, rebeldia, engajamento ou de participação dos movimentos sociais. Seus principais valores são a família, a saúde, o trabalho e a educação – os dois últimos, como fundamento para o seu aprimoramento pessoal e ascensão profissional – referencial de uma vida futura confortável.

Finalmente, o que este estudo pode trazer, sem pretender uma generalização a partir de um universo de pesquisa limitado, como contribuição às reflexões sobre a juventude atual, é que ela é contraditória, mostrando inovações e permanências que são a marca na vida da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

FONTES

A. F. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 25 de outubro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

B. N. C. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 13 de novembro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

D. F. P. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 5 de dezembro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

D. P. M. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 13 de novembro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

E. S. P. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 13 de novembro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

F. F. F. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 5 de dezembro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

F. W. K. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 5 de dezembro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

J. C. G. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 5 de dezembro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

J. V. V. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 13 de novembro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

R. S. O. Curitiba, Faculdades Santa Cruz, 25 de outubro de 2013. Entrevista a Heloisa Pereira Pinto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARIÈS, P. **Por uma história da vida privada**. In: ARIÈS, P; CHARTIER, R. (ORG.) História da VIDA PRIVADA: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **Legisladores e interpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.

BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. **Modernização Reflexiva.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BERMAN, M**.** Modernidade - ontem, hoje e amanhã. In: **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (Orgs.). Dicionário de Política. (Trad.) João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: UNB, 1998.

BOURDIEU, P. A**. "Juventude" é apenas uma palavra.** In: *Questões da Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOTTMORE, T. (editor). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Laurence Harris. V. G. Kiernan, Ralph Miliband (co-editores). [Tradução: Waltensir utra; Organizador da edição brasileira, revisão técnica e pesquisa bibliográfica suplementar Antonio Moreira Guimarães] Rio de Janeiro: Jorge Zagar, 2001.

BRASIL. Ministério da Casa Civil da Presidência da República. **Estatuto da Juventude** - Presidência da República**.** Disponível em: <https://www.presidencia.gov.br/casacivil/site/static/le.htm>. <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/.../L12852.htm>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2014.

_____. _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: https://www.presidencia.gov.br/casacivil/site/static/le.htm. Acesso em: 20 de fevereiro de 2014.

CAMARGO, S. C. **Experiência e Utopia em Theodor W. Adorno, André Gorz e François Dubet.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 4 n. 1 (1), agosto-dezembro/2007, p. 25-42 - ISSN 1806-5023. Acesso em: 09 de março de 2014.

CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.**Trad. Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANEZIN GUIMARES, M. T. **O conceito de habitus na „teoria da prática" de Bourdieu com o pensamento sociológico durkheimiano**. In: Fragmentos de Cultura. Goiânia,v.10. n. 2. p. 425-441, mar./abr. 2000.

CARVALHO, J. M. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Manual Funcional.** 2ª ed.; São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2000.
CLASSICISMO: < www.geocities.com/alcalina.geo/39litera/classe.htm>.

<www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo?cod=6_195>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2014.

CROUZET-PAVAN, E. **Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII-XV)**. In: LEVI, G; SCHMITT, J.C. (orgs.). História dos Jovens – da Antiguidade à Era moderna. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAYRELL, J. et al. (Org.). **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal.** Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2012. 449 p., apud DOULA, S. M. **Família, escola e juventude nos debates sobre a cultura contemporânea.** Educação em Revista. Belo Horizonte – Vol. 29 – nº 01 p. 305- 310 – março de 2013.

DEMO, P. **Habilidades do Século XXI.** Boletim Técnico do SENAC: a revista da educação profissional. V.34, n.2, maio/agosto, SENAC Ed. Rio de Janeiro: 2008.

DUBET, F. **A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização.** Revista Contemporaneidade e Educação, ano 3, v.3, p.27-33, 1998.

FORACCHI, M. **A juventude na sociedade moderna.** Pioneira. São Paulo, 1972.

FRASCHETT, A. **O mundo romano**. In. LEVI, G. e SCHIMITT, J.C. História dos jovens I: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

FERNANDES, D.; GALA, P.; REGO, J. **Tudo que é sólido desmancha no ar: as**

desventuras filosóficas de uma crítica anti-retoricista em economia. ANPEC. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A002>. Acesso em: 15 de setembro de 2012.

GIDDENS, A**. As conseqüências da modernidade.** São Paulo, Ed. da UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Risco, confiança e reflexividade**. In: BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. **Modernização Reflexiva.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GROPPO L. A. **Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes.** Última década nº33, CIDPA Valparaíso, dezembro de 2010, pp. 11-26.

GROPPO L. A. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**. Revista de Educação do Cogeime. Ano 13 - n0 25 - dezembro de 2004

GROPPO. L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROSSMAN, E. **A adolescência através dos tempos. La adolescência cruzando los siglos. Disponível em** <http://ral-adolec.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71301998000100003&lng=pt&nrm=iso> Acessado em: 22 de outubro de 2013.

GUINSBURG, J. **O classicismo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

HABERMAS, J. **Discurso filosófico da modernidade.** Lisboa: Dom Quixote, 1990.

JAPIASSU, H & MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia.** Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1990.

LEVI, G. & SCHMITT, J.C. (orgs.). **História dos jovens**. v.1, v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÈVY, Pierre; **O Que é o Virtual,** São Paulo, Editora 34, 1996.

LLORET, C. **As outras idades ou as idades do outro**. In: Jorge Larrosa e Nuria Pérez de Lara (org.): **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LUZZATTO, S. **Jovens rebeldes e revolucionários**: 1789-1917. In. LEVI, G. e SCHMITT, J.C. **História dos jovens II**: a época contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MANNHEIM, K. **Diagnóstico de nosso tempo**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1961.

MEIHY, J.C. S.B. **Manual de História Oral**. 4 ed., São Paulo: Loyola, 2002.

MORIN, E. **Cultura de massas do século XX:** o espírito do tempo II: necrose. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

NOVAES, R. **Juventude e sociedade:** jogos de espelhos. In: Sociologia Especial, Ciência & Vida, ano I, n. 2, São Paulo: Escala.

PAIM, V. C. & NODARI P. C. **A missão da Escola no contexto social cultural.** XI ANPEDSUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. UCS. 2012.

PASTOUREAU, M. **Os emblemas da juventude atribuídos a representações dos jovens na imagem medieval.** In. LEVI, G. e SCHMITT, J.C. História dos jovens I: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

PAVAN-CROUZET, E. **Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval**. In. LEVI, G. e SCHIMITT, J.C. História dos jovens I: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

PEREIRA, D.; JESUS, A. **O projeto da modernidade, crise capitalista e ideologia pós-moderna.** UFES. Disponível em: <periodicos.ufes.br/temporalis/article/ download/3445/2701>. Acesso em: 07 de novembro de 2012.

RANGEL, V., RIBAS, M.C. **Sobre a aventura da modernidade.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação- Ano 4 - Edição 4 – Junho-Agosto de 2011

SCHINDLER, N. **Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna.** In. LEVI, G. e SCHMITT, J.C. História dos jovens I: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SCHOEN-FERREIRA, T. & AZNAR-FARIAS, M. **– Adolescência através dos séculos** – 228 Pic., Brasília, Abril/junho 2010, Vol. 26 nº. 2, Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2.pdf> Acesso em: 22 de out. de 2013.

SILVA, L. F. **Ação Social na Área da Familia**. In Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens. Vol. I. Lisboa: Ed. Universidade Aberta, 2001.

SIMÕES, C. M. **Comportamentos de Riscos na Adolescência.** Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

SOUSA, J. **Apresentação do Dossiê:** A sociedade vista pelas gerações. Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política, Florianópolis: v. 5 n. 8. 2006.

TOURAINE, A. **A crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VILABOL. **Metodologia da Pesquisa. Estudo de Caso**, 2008. Disponível em <http://mariaalicehof5.vilabol.uol.com.br/> Acesso em 20 de fevereiro de 2014.
WILLIAMS, R. **Política do modernismo: contra os novos conformistas.** São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

ZAJDSZNAJDER, L. **Pós-modernidade e tendências da administração contemporânea**. In: Boletim Técnico do SENAC, v. 19, n. 3, p. 10-9, set./dez. 1993.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM J. V. V.

DATA: 13 de novembro de 2013

H. P. P. – Qual é o seu nome completo, sua idade e sua profissão?
J. V. V. – J. V. V. tenho 24 anos, sou formado em Sistema de Informação atualmente sou analista de sistemas na GVT.

H. P. P. – O que você faz no seu dia a dia? Como você lida com suas obrigações diárias?
J. V. V. – O meu dia a dia é bem corrido. Eu acordo cedo para ir, às vezes, à academia, depois volto para casa tomo banho, entro no trabalho às 9h00, meu dia de trabalho é bem corrido, eu tenho muitas obrigações. Meu trabalho exige muito de mim, principalmente em termos mentais, pois há muita pressão. Mas, depois que saio de lá eu procuro me desligar e viver a vida.

H. P. P. – Se você tem um dia atribulado, quais os recursos utilizados por você para lidar com isso? Ou melhor, como é o seu trabalho?
J. V. V. – Eu trabalho em uma área da GVT que é a “produção”, lá nada pode ficar parado. Porque se algo parar significa menos entrada de recursos e, portanto, possibilidade demissão. Por isso tem muita pressão. Eu procuro ter anotações, mandar e-mail com todas as informações, estar em contato direto com o gerente para deixá-lo ciente do que está acontecendo para não que não haja problemas futuros.

H. P. P. – Você programa seu dia? Se não há programação, a falta dela chega a lhe atrapalhar?
J. V. V. – Não programo! Ele vai acontecendo, no meu trabalho há imprevistos. Deixa a vida me levar. Mas, às vezes não ter programação atrapalha, porque

quando, por conta da exigência do trabalho, que em algumas ocasiões me faz estender o horário, preciso fazer alguma atividade fora do trabalho e não estou programado para isso, eu preciso desmarcar alguns compromissos ou avisar no trabalho, que preciso sair para resolver algo fora. Penso que isso atrapalha. Se eu me programasse melhor eu executaria de maneira mais eficiente as “coisas” da minha vida, tanto no trabalho quanto na vida pessoal.

H. P. P. – E as suas relações? Como você as direciona?
J. V. V. – Tanto no meu trabalho como fora dele são tranquilas, eu sou uma pessoa fácil de lidar. Tenho namorada, ela é tranquila, entende as exigências do meu trabalho. Minha família me apoia em tudo. Portanto, tenho uma vida pessoal bem tranquila, porque sou fácil de lidar. Faço amigos com facilidade, não tenho problema em lidar com as pessoas.

H. P. P. – Com este seu dia atribulado, que recursos você utiliza para manter essas relações?
J. V. V. – Procuro não ficar muito tempo ao celular, mas envio mensagens e faço ligações no horário do almoço. Procuro sempre fazer contato com quem eu gosto. Geralmente as pessoas não respondem, mas sei que é porque elas também têm suas obrigações. Isso já não me incomoda mais, fico bem tranqüilo.

H. P. P. – Você participa de alguma rede social
J. V. V. – Eu participo do Instragam e também do facebook. Mas não tenho participado muito do facebook porque é uma rede social que toma muito tempo e na qual as pessoas mostram o que elas não são.

H. P. P. – Porque você acha que as pessoas no facebook mostraram o que elas não são?
J. V. V. - Porque querem ostentar o que não são. Querem mostrar que têm dinheiro, que saem, que curtem, mas quando se conhece a pessoa um pouquinho é possível saber que não é assim. Acho que elas tendem a mostrar mais do que elas têm.

H. P. P. – Como é que você se vê na sua vida, dentro desse universo que você me falou agora? Você pensa em um “amanhã”?

J. V. V. – Tudo isso faz com que me torne homem. Saí do mundo de um moleque que não tinha não tinha preocupações. No meu trabalho e com a vida que estou levando estou tornando um homem porque estou adquirindo responsabilidade. Vou pensar em constituir família, ter minha casa. Eu penso em um “amanhã”, eu e minha namorada estamos pensando em guardar dinheiro para, quem sabe, fazer uma viagem ao exterior, para ficarmos um tempo juntos. Acho que assim se vai adquirindo responsabilidade fazendo planejamentos, não apenas gastar tudo o que ganha e só curtir o momento. Até porque, “já” tenho 24 anos e preciso de planos futuros.

[Fim da gravação]

ENTREVISTA F. F. F

DATA: 13 de novembro de 2013[30]

H. P. P. - Fazendo o que aqui na Faculdade?
F. F. F. – Meu nome é F. F. F, estou cursando o quarto período de pedagogia e tenho vinte anos.

H. P. P. – Como é o seu dia a dia? Como você administra a sua rotina diária e como você se vê dentro dessa rotina? Você é uma pessoa organizada? Isso às vezes, lhe atropela?
F. F. F. – Meu dia é bem corrido, levanto de manhã e venho para faculdade saio daqui "correndinho, vou para casa almoço e vou direto para o meu trabalho. Trabalho até 17h20, daí vou para casa, é quando tenho meu horário de lazer, para descansar, ficar conversar a minha família e fazer os trabalhos que preciso.

H. P. P. – Você trabalha em escola?
F. F. F. – Sim, dou aula para o terceiro ano é "bem puxado". Mas vou administrando. Tem dias que posso dormir um pouco mais cedo, outros dias mais tarde devido à correria. Agora eu consigo administrar bem o meu tempo, como fazem quatro anos que estou nesta rotina, eu já acostumei. Mas tem horas que me atropela, principalmente nos finais de semana, porque é quando eu "quero tentar esquecer um pouco o trabalho e a faculdade , mas na verdade não dá. Então eu tento administrar para não prejudicar o meu lado pessoal, tento separar isso.

H. P. P. – Como é o seu lado pessoal?
F. F. F. – Eu sou muito família. Gosto muito de passar tempo com eu pai, minha mãe e meu irmão que é com quem eu convivo bastante. Nos finais de semana nós gostamos muito de sair. No final da tarde quando eu chego em casa, eles querem esse tempo só para a conversa. Eu tenho que não deixar esse lado prejudicado, por conta das coisas que tenho para fazer no tempo que estou com eles. Meu irmão tem

---

[30] Entrevista realizada nas dependências da Faculdade Santa Cruz em Curitiba.

quinze anos, ele joga futebol e eu adoro futebol; então sempre acompanho ele aos jogos. No final de semana eu não deixo de fazer o meu lazer. Independente se tenho tarefas do trabalho, ou estudos para fazer. Eu não deixo de ter o meu lazer. Eu tenho bastante controle sobre os meus horários. De manhã é só faculdade, se não tenho aula, adianto coisas do meu trabalho, para que n ao acumulem. O final do dia , quando chego em casa eu dedico a eles, porque são os únicos momentos em que podemos estar todos juntos.

H. P. P. – Seu irmão é cinco anos mais jovem que você. Como é a relação de vocês, essa diferença de idade traz conturbações ou influencia de alguma maneira a relação de vocês?
F. F. F. – Minha mãe diz que eu sou a segunda mãe dele. E eu vejo como um filho, porque quando eu era pequena eu cuidava dele e nos obrigamos a nos unir. Nossa união é muito forte, nos ajudamos mutuamente. Mesmo não sendo grande a diferença de idade eu tenho ele como filho. Mando nele, brigo com ele.

H. P. P. – E suas outras relações além das familiares, como são? Seu amigos são do local onde você mora, são do local de trabalho?
F. F. F. – Eu tenho pouco de cada lugar. Aqui na faculdade como é o segundo ano, é recente então criamos agora laços de amizade, têm as meninas com quem eu mais converso , que vamos umas na casa da outras. Tenho amizade de quinze anos, que são da minha infância. E também do meu trabalho, mas lá algumas já são mães, são mais velhas. São amizades de trabalho. A maioria das minhas amizades é do meu tempo de colégio.

H. P. P. – Que recursos tecnológicos você utiliza no seu cotidiano?
F. F. F. – O computador é vicio para mim. Internet, *facebook* , no celular, é um vicio. Eu uso bastante, até mesmo para conversar com os outros. Porque “tudo é meio corrido”, às vezes só temos esse meio para conversar. As leituras, não leio o que não gosto. Não gosto de fazer leituras “obrigadas”, que daí eu leio. O celular faz parte a minha vida. Muitas vezes estou em casa conversando com eles e conversando no celular ao mesmo tempo. Minha diz: Larga um pouco esse celular menina! Não consigo viver sem. Meu pai disse ontem: Porque você dá risada para o

telefone? Porque a conversa está interessante! Então agora larga o aparelho e conversa só a gente! Mas não dá, falo com todos ao mesmo tempo, mas logo está uma confusão a minha cabeça, de tanto que vou falando.

H. P. P. – E as redes sociais como funcionam na sua vida?
F. F. F. – Tenho *instagram, faceboock e whatsapp* são os três aplicativos do celular que eu mais uso. Eu tenho que me controlar. Aqui na faculdade quando tenho tempo eu mexo. Mas à tarde no meu trabalho não, aí eu desligo do mundo, mas é único momento que não vejo nem a hora. Por que não tem lógica estar trabalhando e estar ao celular. Mas de manhã à noite se deixar eu não desligo, vou a te o outro dia. É um vicio mesmo. Tenho muitos amigos nas redes sociais. Devido à "correria" há amigos com os quais a gente não tem tempo de conversar só mesmo pelas redes sociais, porque todos têm seus compromissos.

H. P. P. – Com o é que você se vê com a sua idade dentro dessa vida de responsabilidades e corrida como você mesma disse?
F. F. F. – Eu me vejo uma pessoa centrada no que faço, porque eu consigo administrar tudo isso, mas não me deixo abater, às vezes a canseira, mas não deixo me abalar. Faço da minha rotina uma diversão. Faço dos meus compromissos e minhas obrigações uma diversão, porque sei que vou enfrentar isso durante muito tempo ainda. Então, se agora que estou nova não conseguir administrar isso , vou sofrer mais à frente.

H. P. P. - Você faz planos para o futuro?
F. F. F. - Faço! Minha mãe fala que sou neurótica, mas não é isso. Na minha formação eu tenho planos. Da mesma forma que eu terminei o magistério e ingressei na faculdade, daqui a dez anos, quando eu tiver 30 anos, quero estar cursando o mestrado. Atualmente há recursos, há como se programar. Com 22 anos termino a graduação e quero entrar na pós e com 25 terminar. Eu tenho planos, é uma expectativa, não sei se vai dar certo, é um sonho, mas quem não sonha não vive. Então eu sonho. No meu trabalho eu iniciei como auxiliar, atualmente sou professora e pretendo conseguir outra escola para trabalhar e crescer no meu ambiente da trabalho. Estudar, me especializar e crescer. Mas planos de casar não

tenho, acho que isso é coisa da vida. Em relação ao estudo e trabalho tem como planejar para o futuro.

[Fim da gravação]

ENTREVISTA COM E. S. P

DATA: 13 de novembro de 2013[31]

H. P. P. – Qual é o seu nome completo, sua idade, qual o curso que você está fazendo aqui na Faculdade?
E. S. P. – Meu nome é E. C. S. P, tenho 19 anos e curso Pedagogia.

H. P. P. – Como é sua rotina diária?
E. S. P. – Eu acordo venho para cá depois vou para o meu estágio, lá sou responsável pela higienização, alimentação, recreação e outras atividades relacionadas à área pedagógica. Sou responsável também pelas aulas de artes, que tem toda a semana. Então eu uso muito o meu celular e internet para encontrar "coisas bacanas" para as crianças. Elas gostam muito de brincar com tinta, então sempre procuro alguma atividades neste sentido, para poder aplicar com eles. Eles são bem carinhosos, têm 4 anos. Eu sou bem durona, mas sou bem amorosa, às vezes, eles me tiram do sério. Mas eu gosto muito. Saio de lá, pego carona com minha chefe, que é madrasta do meu namorado, e vou para a casa dela, lá fico um pouco com o Bruno (namorado), às vezes janto. Mais tarde minha mãe me apanha lá, então vou para casa e fico vendo TV com meus pais e no computador com meu irmão. Agora que sou "mais velha" eu me dou bem com a família, porque eles me tratam do "jeito que eu quero". Eu gosto muito de sair, saio sexta e volto só segunda depois do trabalho, antes eles não me deixavam sair, diziam que eu era muito nova, eu achava um saco. Agora eles já confiam mais, vão viajar eu fico aqui sozinha, e não apronto, porque antes eu aprontava.

H. P. P. –O que é "aprontar"?
E. S. P. – Ah! Antes eu saia escondido, dormia na casa de gente que eles não conheciam, levava "galera" em casa quando eles saiam. Agora eles sabem, conhecem todos os meus amigos. Faço churrasco em casa, meus pais participam, eles gostam, porque sabem com que estou andando. Meus amigos tratam eles por tio e tia. Meu irmão "aquele sarna" é onze anos mais novo. Mas a gente se dá bem,

---

[31] Entrevista realizada nas dependências da Faculdade Santa Cruz em Curitiba.

às vezes, tem umas briguinhas por ciúme, mas não dou bola. Agora ele está crescendo e está ficando melhorzinho, não me está estressando tanto. Já a minha avó eu “amo”. Eu era a única neta, eu era a rainha casa, até hoje sou muito mimada. Não sei fazer “um arroz”, porque tudo eu tive na palma da mão.

H. P. P. - Como você vê a atuação da religião na vida dos jovens atualmente e, ainda, os jovens ao participarem da “Igreja”, possibilitam que haja mudanças desta em relação às suas práticas?

E. S. P. – Atualmente os jovens se deixam influenciar muito pelas coisas mundanas. Há coisas na Igreja que eu bato o pé, discuto com meu coordenador, por que acho que está errado. Camisinha e anticoncepcional, por exemplo, eu acho errado não poder usar, porque a “galera” pode estar casada, mas não sabe se é o momento de ter filho ou não. Mas, quanto às drogas eu acho que a Igreja está certa em proibir e considerar “pecado”. Eu acho que nós jovens conseguimos trazer jovens para a Igreja, quando eu comecei lá o grupo era pequeno, mas como o nosso grito é: “nossa missão é evangelizar” estamos empenhados em cumprir nosso lema.

H. P. P. – Você esteve na Jornada Mundial da Juventude? Se esteve como foi essa experiência?

E. S. P. – Havia muita gente! E de todos os lugares do mundo, todos fazendo esforço para comunicar-se mesmo com tantos idiomas diferentes, fizemos amizades, pegamos facebook. Foi melhor que as minhas expectativas. Foi bom ver tantos jovens juntos por um mesmo ideal. Eu voltei de lá mais confiante, voltei com mais fé do já tinha. Tenho muito amigos que usam drogas, eu tenho esperança de poder ajudá-los a sair disto, a missão minha de evangelizar está bem maior. O papa foi muito “lindo”, ele é “muito fofo”, eu vi ele de pertinho! Ele tem uma “carinha de fofo”, ele é muito “fofo”. Eu sigo ele no “face”, todo ele dia posta fotos, às vezes, tem ele abraçando um doente, ele não tem “aquele nojo” “ aquele medo”. Ele é bem humilde, bem simples. O Bento XVI era mais fechado.

H. P. P. – Como é a sua relação com os seus pais como é atualmente?

E. S. P. – Agora é boa, mas antes eu os via como uns chatos. Hoje os vejo como amigos, que sempre me alertam sobre algumas coisas da vida. Eu e meu pai somos muito da igreja, mas minha mãe não é, mesmo assim nos damos bem. Eu a vejo

como amiga. Ela foi confiando mais em mim, e me deixando sair. Eles se adaptaram ao meu jeito.

H. P. P. - Qual a sua impressão sobre as recentes manifestações da juventude?
E. S. P. – Teve gente que participou para reivindicar os nossos direitos, mas havia também quem foi só para fazer bagunça e "zoação". As manifestações poderiam ter sido mais eficientes, não fosse pela minoria que foi lá para fazer "fervo", o que desacredita um pouco o movimento.

H. P. P. – Como é a internet na sua vida?
E. S. P. – Um "vício"! Sou muito "viciada". No meu trabalho, já assinei duas advertências por estar ao celular, agora ele fica na sala da minha chefe. Tudo o que é possível nas redes sociais eu tenho e sou muito "viciada".

H. P. P. - Com você utiliza esses recursos tecnológicos no seu cotidiano ou para se relacionar as pessoas?
E. S. P. – Eu sei fazer o que preciso. Par ao estudo só me atrapalha, porque se for fazer um trabalho no computador, escrevo uma página, e fico no *"face*". Para me comunicar com as pessoas eu uso as redes sociais. Já fiz bastante amigos pelo facebook, e nele tenho vários grupos, como o grupo de CCJ que um é ministério de dança, coral e servos. As informações sobre reuniões ou outras atividades eu posto no grupo do *"face*" porque todos estão lá, então não tem como não ver. Sou bem fácil de me relacionar com as pessoas. Mais com "meninos", pois são mais sinceros, as "meninas" são falsas. Eu já fui assim: De ser sua amiga aqui e quando você virava as costas dizer: Ah! Que menina chata! Antes, quando eu chegava do colégio e ficava a tarde inteira nas redes sociais, levantava só para ir ao banheiro, nem comer comia, só se colocasse a comida em volta do computador. Se eu pudesse punha um "pinico" na cadeira para não levantar. Meu pai me cortou, agora é só uma hora por dia. Eu pensava: Mas seu ficar em facebook como vou falar comas pessoas? Mas agora quando eu preciso falar com alguém e essa pessoa é "importante para mim", eu tenho número e mando mensagem. Quem "eu preciso mesmo" sei onde mora, sei telefone, não preciso me comunicar pelo "face". Os amigos "de verdade" eu tenho telefone.

H. P. P. – Como são as suas relações aqui na faculdade?

E. S. P. – Mais ou menos, sou muito desligada. Não sou de esmerar para fazer rapidamente os trabalhos, faço sempre na última hora, Não me estresso com isso. E sempre passo por media, nunca fiquei na final. E se pegar final sou eu quem vou "me ferrar" para pagar. Se a meninas não disserem para mim o que é para eu fazer ou pesquisar eu não faço. Sou bem relaxada. Eu pergunto uma ou duas vezes o que tenho para fazer, depois não pergunto mais e também não faço. Se não quiserem colocar o meu nome eu faço sozinha. Eu sou assim, muito inteligente e muito preguiçosa. Não perco noites de sono para fazer trabalhos. Se for preciso faço na hora. Não faço! É muito stress. Sou diferente das meninas da minha idade. Porque a maioria delas saiu do colégio e não entrou na faculdade. Eu queira ser uma destas, mas minha mãe não deixou. Agora estou vendo que foi bom para mim. Estou aprendendo muito e isso é bom para o meu futuro. E aqui sou diferente das meninas aqui da faculdade, porque elas são mais velhas e se preocupam mais e tem mais responsabilidade, pelo menos elas acham isso. Chorar, se estressar para que?

H. P. P. – Você acha que o mundo é assim stressado?

E. S. P.– Não sei, mas no trabalho sempre tem a "galera" que se doa mais e os mais folgados, então sempre vão haver os mais stressados e os que montam nestes e se saem bem. Tem a "galera" mais desligada e a mais estressada.

H. P. P. – Você associa esse não se estressar com irresponsabilidade?

E. S. P. - Em parte sim, pois em alguns casos eu poderia ter feito trabalhos melhores se houvesse em empenhado mais, mas por outro lado não, porque eu sempre fui assim.

H. P. P. – Como é sua relação com seu namorado?

E. S. P. –Eu não gosto de dar satisfação para ninguém, só para meus pais. Ele tem 18 anos, nós estamos a pouco tempo juntos, mas não gosto quando ele não quer sair e eu quero. Eu saio, se ele não quiser ir é problema dele. Não vou fazer nada de errado. Ele é muito ciumento, e eu tenho muitos "amigos", e não vou deixar de andar com meus amigos por causa dele. Só que ele é "burro", é repetente de vários anos e períodos. Mas é culpa da mãe dele, porque quando ele repetia de "ano" mãe

dizia: Não tem importância! Que pena! No próximo ano você recupera. Saia para os bailes com irmã dele deixava o “obeso” com uma pizza. Aos 11 anos ele foi morar com minha chefe, a madrasta dele, e como ela é pedagoga começou a pegar no pé dele. Coitado, se estive com a mãe seria um “miserável”, “gordo” “obeso” e “burro”. Ele fala errado e escreve errado, e eu tenho pavor a quem fala e escreve errado.

H. P. P. – Mas nas redes sociais vocês têm uma linguagem própria que inclui abreviações e símbolos. Como você vê isso?
E. S. P. - Antes eu escrevia errado, era mais nova e “tonga” . Não era “naum”. Porque isso? Agora só abrevio o “porque”. Eu entendo a simbologia, mas não gosto. Porem, sou muito de falar gíria, palavrão e xingar; sou bem largada pareço um menino. Não faço o tipo “patricinha”. Não quero nem saber, passo longe. Agora me expresso melhor, porque minha chefe me domou assim . No meu trabalho ela disse: Eu lhe contrato você tem que para de falar gíria. Quando estou em ambiente escolar, me controlo, mas no final de semana e em casa, eu me transformo. Depois do ambiente escolar, sou outra pessoa. Mesmo na Igreja, eu falo gíria. Eu falo muito, “tipo” e “memo”, mas meu pai fica bravo: Você parece um “piá”! Pareço mesmo e daí? Pára de encher o saco!

H. P. P. – Você costuma fazer planos para o futuro? Você programa os seus dias?
E. S. P. - Não! Já fiz e me frustrei e sofri. Agora não faço mais. A única coisa que eu me programo é para ir ao salão de beleza. O resto vou fazendo. Hoje por exemplo, tem aula de artes, mas só sei o que vou fazer hoje, porque ontem a diretora deu as telinhas para pintar, caso contrário eu chegaria e ia inventar alguma coisa. Não programo nada, o que der para fazer, eu faço. Tenho as ideias e faço as atividades na hora. Eu tenho criatividade para essas coisas diferentes e os meus alunos gostam bastante. Como sou estagiária não tenho que fazer planejamento, então não faço. Quem faz é a minha regente, mas não aplica. Quando eu for regente e precisar planejar, farei, mas vou aplicar. Não quero fazer como muita gente que planeja não põe em prática.

[Fim da gravação]